

# *A PEÇA DA SEMANA* – 2021



JUIZ DE FORA 2022

# FICHA TÉCNICA

Maria Lúcia Horta Ludolf de Mello – Diretora da Fundação Museu Mariano Procópio

Vera Maria de Oliveira Vargas – Gerente do Departamento de Acervo Técnico e Ações Culturais

Aloysio de Paula Gerheim – Conservador-restaurador

# Eduardo de Paula Machado – Supervisor de museologia

Conservação preventiva, pesquisa, seleção de acervo, redação de textos, digitalização de acervo

#### Priscila da Costa Pinheiro Boscato – Historiadora

Conservação preventiva, pesquisa, seleção de acervo, redação de textos, reprodução de acervo Organização do catálogo "A Peça da Semana 2021", compilação do conteúdo, adaptação e revisão textuais

#### Rosane Carmanini Ferraz – Historiadora

Conservação preventiva, pesquisa, seleção de acervo, redação de textos, reprodução de acervo Organização do catálogo "A Peça da Semana 2021", compilação do conteúdo, adaptação e revisão textuais

# Sérgio Augusto Vicente – Historiador

Conservação preventiva, pesquisa, seleção de acervo, redação de textos, reprodução de acervo Organização do catálogo "A Peça da Semana 2021", compilação do conteúdo, adaptação e revisão textuais, diagramação e formatação

# **SUMÁRIO**

Apresentação	4
Artes plásticas	5
Fotografias, postais e película cinematográfica	11
História natural	20
Impressos e manuscritos	23
Mobiliário	65
Objeto de auxílio/conforto	67
Objetos comemorativos	69
Objeto de comunicação	74
Autores dos textos	77

# **APRESENTAÇÃO**

Em 2020, com o advento da pandemia do coronavírus e o consequente fechamento das portas do Museu Mariano Procópio à visitação pública, a equipe da instituição se deparou com o desafio de manter a interlocução com os públicos nas mídias digitais. O projeto "A Peça da Semana", iniciado no mês de junho daquele ano, foi implementado justamente para atender a esse desafio.

A partir de um planejamento mensal realizado pela equipe, foram levantados eixos temáticos em que se pudesse pautar a seleção das peças. O objetivo era que se priorizassem os itens em bom estado de conservação, desconhecidos do público ou que estivessem há bastante tempo distantes de seus olhares — por não figurarem na Galeria Maria Amália, o único espaço disponível à realização de exposições na instituição desde 2016. Em seguida, procedemos à realização de pesquisa sobre o contexto de produção, a relevância histórica de cada um dos itens selecionados e a conexão entre diferentes categorias de acervo, o que subsidiou a redação de sucintos textos de cunho informativo, publicados nas redes sociais da instituição e no site da Prefeitura de Juiz de Fora.

Através dessa iniciativa, a instituição conseguiu despertar significativo interesse e diálogo com o público em geral, fomentando a interatividade

virtual e o despertar de múltiplos olhares sobre cada peça apresentada. Ademais, o projeto, que teve continuidade durante o ano de 2021, oportunizou a realização de um trabalho de mediação cultural, apropriandose e difundindo os resultados de diversas pesquisas, tanto as realizadas por servidores do Museu quanto aquelas desenvolvidas por pesquisadores externos.

Visando a estimular o efeito multiplicador desse projeto e sua apropriação por diferentes públicos e finalidades, tomamos a iniciativa de compilar todos os textos e imagens produzidos ao longo de 2021, dando continuidade ao catálogo "A Peça da Semana 2020". Dessa forma, acreditamos ser possível subsidiar, de alguma maneira, as demandas do público no campo da fruição estética e cultural, nos "usos" reflexivos e problematizadores pelos professores em suas práticas didático-pedagógicas e no ensejo ao desenvolvimento de possíveis pesquisas acadêmicas em diferentes áreas do conhecimento. Dotados de caráter sumário, os textos reunidos nesse catálogo se encontram abertos a futuros acréscimos, mudanças, revisões e aprofundamentos por seus autores e públicos leitores.

Priscila da Costa Pinheiro Boscato Rosane Carmanini Ferraz Sérgio Augusto Vicente

# ARTES PLÁSTICAS



## Tela de Modest Urgell

O autor dessa tela que integra a Pinacoteca do Museu Mariano Procópio é Modest Urgell I Igland (1839-1919). Nascido em Barcelona, o artista estudou pintura com Ramóm Martí Alsina. Junto com Gustave Coubert, passou grande período em Paris, destino normalmente procurado pelos artistas, com a finalidade de aperfeiçoarem suas técnicas. Em 1867, expôs na Exposição Universal de Paris. Nas décadas seguintes, participou de exposições em Barcelona e nas Internacionais de Filadélfia e Munique.

Modest Urgell lecionou pintura em *La Escuela de La Lonja*, tendo como um dos alunos Joan Miró (1893–1983). Existem outras obras do artista em instituições prestigiadas, como Museu do Prado, Museu Nacional de Artes da Catalunha e Fundação Rafael Masó.

O interesse artístico de Urgell começou na dramaturgia, mas, por conta da reprovação familiar, passou a dedicar-se à pintura. Mesmo assim, escreveu várias obras sob o pseudônimo "Katúlfo". Em 1900, fundou a Sociedade Artística e Literária da Catalunha, com os artistas Luís Graner y Arrufi e Enrique Galwey e Garcia.

Observando a tela em destaque, verifica-se uma paisagem com uma mulher caminhando sob a companhia de dois patos. Curiosamente, uma representação similar consta em seu livro de memórias *El* 

Murcielago — Memórias de um Patum, datado de 1913. Contudo, ao contrário da figura feminina presente na pintura, no desenho, a idade da personagem parece muito mais avançada. Ainda que não se possa afirmar a existência de relações diretas entre as duas representações, as similaridades e diferenças entre ambas sugerem a realização de estudos comparativos e cruzamentos de fontes.

## Referências

MUSEO DEL PRADO. *Modesto Urgel*. Disponível em: www.museodelprado.es/aprende/enciclopédia/voz/urgell-e-inglada-modesto/2ª978001-5378-4376-936b-6124e93bc5bb

MONTAÑÉS, José Angel. La alargada sombra de Modest Urgell. *El País*, España, 24/12/2019. Disponível em: www.elpais.com/ccaa/2019/12/24/catalunya/1577198534 983168.html



# Maquete do monumento ao Cristo Redentor do Rio de Janeiro

A peça em destaque na foto ao lado é uma maquete em gesso do monumento do Cristo Redentor, instalado no Morro do Corcovado, no Rio de Janeiro. A obra foi doada a Alfredo Ferreira Lage, fundador e então diretor do Museu Mariano Procópio, por Heitor da Silva Costa (1873-1947), engenheiro brasileiro responsável pela construção do monumento, que assina a maquete juntamente com o escultor francês, Paul Landowisk (1875-1961).

Na base da peça, em gesso, pode-se observar alguns detalhes em latim alude a Cristo e ao período de construção do monumento (*Christvs Vincit Regnat Imperat* \* MCMXXII-MCMXXX; tradução: Cristo Vence, Reina e Impera \* 1922 – 1930). Em todo o entorno, encontramse representações de nove passagens da vida de Cristo (como nascimento, cura de pessoas, entrada em Jerusalém e sepultamento).

Considerado um cartão-postal do Brasil e uma das Sete Maravilhas do Mundo Moderno, o Cristo Redentor foi projetado e executado em estilo *art déco.* Inaugurado em 12 de outubro de 1931, completou 90 anos em 2021.

## Referências

KAZ, Leonel; LODDI, Nigge. *Cristo Redentor:* História e Arte de um símbolo do Brasil. Rio de Janeiro: Aprazível, 2008.

WANDERLEY, Andrea C. T.. Os 90 anos do Cristo Redentor, um dos mais importantes símbolos e pontos turísticos do Rio de Janeiro e do Brasil. Disponível em: brasilianafotografica.bn.gov.br/?p=25960. Acesso em: 24/03/2022.



## Concha camafeu

A concha camafeu em destaque na foto ao lado integra o acervo do Museu Mariano Procópio desde o período de seu fundador, Alfredo Ferreira Lage, e ficava exposta na antiga Sala Maria Pardos. Datada de 1891, foi criada pelo escultor Rodati, de Nápoles, Itália. Mede 22,3 cm de altura, 17 cm de largura e 15 cm de profundidade, apresentando a inscrição *Le Belle Arts* na parte inferior, ao centro. A peça também possui representações de sete expressões da arte daquele período: arquitetura, eloquência, dança, escultura, pintura, música e poesia. A técnica para se produzir um camafeu na concha é semelhante à usada na criação de outras obras em relevo. Nesse caso, em específico, o artista utiliza as camadas de cores da concha para gravar seu trabalho.

## Referências

HELENA, Maria. *O camafeu na Era Vitoriana*. Disponível em: eravitoriana.wordpress.com/2016/04/01/o-camafeu-na-era-vitoriana.

# FOTOGRAFIAS, POSTAIS E PELÍCULA CINEMATOGRÁFICA



# Álbum de "vistas" de Roma (Itália)

De autoria do fotógrafo italiano Romualdo Moscioni, essas fotografias integram um álbum encadernado por E. Hautecceur (Paris), composto por 100 exemplares em preto e branco. A maior parte das fotografias desse álbum possui formato 20 x 25 cm e retrata "vistas" arquitetônicas de Roma e de seus arredores. O conjunto apresenta uma narrativa cronológica e histórica, que se inicia com imagens relativas à arquitetura e monumentos públicos do Império Romano, Idade Média e Renascimento, com destaque para as imagens do Fórum Romano, os emblemáticos Arcos de Triunfo e diversas fotografias relativas ao Vaticano e sua Biblioteca.

O sentido do álbum é dado essencialmente pelas imagens, que se apresentam no formato retangular horizontal. A presença de informações textuais reduz-se à legenda em italiano, identificando o local fotografado. Há ainda uma numeração que antecede o título da fotografia, de controle interno do próprio fotógrafo, referente ao número do negativo de vidro. Provavelmente o fotógrafo apresentava um catálogo com as imagens, e o cliente fazia sua seleção através da numeração.

O álbum consta no Livro de Registros da Biblioteca, de 1939, elaborado pela então Bibliotecária Geralda Armond, e no Arrolamento de 1944, sendo possível que o mesmo tenha pertencido às Famílias

Ferreira Lage ou Cavalcanti. As imagens datam de cerca de 1890, período em que os Viscondes de Cavalcanti estabeleceram residência na Europa.

Romualdo Moscioni (1849-1925), foi um dos mais importantes fotógrafos italianos de seu tempo, especializado em documentação fotográfica arqueológica e monumental. Nascido em Viterbo, abriu um estúdio fotográfico em Roma, em 1868. Fotógrafo de paisagens, especializou-se em fotografias de escavação e arqueologia cristã. Comercializava reproduções fotográficas de obras de arte e monumentos arquitetônicos de toda a Itália. Seu trabalho era adquirido principalmente pelos os arqueólogos, especialistas em arte e curadores do patrimônio, para os quais suas fotografias eram consideradas materiais de estudo. A produção de Moscioni está relacionada ao ambiente cultural e ao debate sobre preservação do patrimônio e restauro na Europa na segunda metade do século XIX e início do XX.

#### Referências

BECCHETTI, P.. Roma dei fotografi dal tempo di Pio IX 1846-1878: fotografie da collezioni danesi e romane", catalogo della mostra Roma, Palazzo Braschi 1977, Roma, 1978.

FERRAZ, Rosane C. Ferraz. A coleção de fotografias oitocentistas do Museu Mariano Procópio e as sociabilidades no Brasil oitocentista. Tese de doutorado. UFJF – Juiz de Fora, 2016.

\_\_\_\_\_. Catálogo de Fotografias Oitocentistas – Álbum 15. Juiz de Fora: Mapro, 2015.

ROUILLÉ, André. *A fotografia:* entre documento e arte contemporânea. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2009.

Sites:

http://mv.vatican.va/2\_IT/pages/z-Info/MV\_Info\_Conferenze14.html

https://www.khi.fi.it/5162064/20150504 Ausstellung Moscioni.

http://photothek.khi.fi.it/documents/oau/00000272



# Fotografias colorizadas do Museu Mariano Procópio

Em junho de 2021, em que se comemorou o centenário do Museu Mariano Procópio, a instituição rememorou um conjunto de três fotografias colorizadas, retratando alguns cenários bastante familiares ao espaço cultural: a fachada do Prédio Mariano Procópio, o Mausoléu da Família Ferreira Lage, o jardim suspenso, onde se localiza o repuxo proveniente da Escola Agrícola União & Indústria, além de uma imagem do lago e do parque.

As fotografias são de autoria de Brasilino Nelli, datadas de 1952, medindo 40 x 30 cm. O autor das imagens era ator, tendo atuado no filme *Carnaval cantado da Bahia*, em 1920. O filme foi dirigido por seu pai, José Nelli, que atuou como cinegrafista, produtor e cineasta nas primeiras décadas do século XX, no estado da Bahia, sendo sócio-proprietário do Cinema Ideal, em Salvador. Há ainda alguns registros de que Brasilino Nelli tenha criado um grupo de teatro em Itabuna, em 1934.

As fotografias colorizadas à mão eram realizadas através de diferentes técnicas, com utilização de tintas aquareladas, pastel, à óleo, ou lápis. Eram comuns até a primeira metade do século XX, sendo bastante populares até a década de 1940, quando surgiram os filmes coloridos.

## Referências

MUSEU MARIANO PROCÓPIO. Catálogo. São Paulo: Banco Safra, 2006.

ROUILLÉ, André. *A fotografia:* entre documento e arte contemporânea. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2009.

Bahia, 1920 (cadernodecinema.com.br), acesso em 25/06/2021.



# Álbum de cartões-postais da Primeira Guerra Mundial (1914-1918)

No Arquivo Fotográfico do Museu Mariano Procópio, encontra-se um álbum de cartões-postais da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), composto por 460 itens. O referido álbum integra a coleção de cerca de 2.100 cartões-postais de Amélia Machado Cavalcanti de Albuquerque (1852-1946), a Viscondessa de Cavalcanti.

Os cartões-postais surgiram no Império Austro-Húngaro, criado por Emmanuel Herman (1839-1920) em 1869. Inicialmente tinham o objetivo de enviar mensagens curtas através do serviço postal. Fácil de usar e efetivo na distribuição de mensagens, o cartão postal se espalhou rapidamente pela Europa. No final do século, os versos dos cartões foram divididos em duas partes – uma para o endereço (lado direito) e uma para mensagem (lado esquerdo). Essa divisão deixava uma das faces do cartão livre para ilustrações e fotografias, quando as peças passarão a ter um cunho verdadeiramente iconográfico.

Essa mudança irá possibilitar o que os colecionadores chamam de a "era de ouro" dos cartões postais – que corresponde às primeiras décadas do século XX, quando se torna comum o hábito da troca de cartões postais entre familiares e amigos e a exposição de álbuns de cartões postais sobre a mesa da sala de visitas.

A Primeira Grande Guerra Mundial, ocorrida entre 1914 e 1918, se insere no período conhecido como a "era de ouro" dos cartões postais,

que eram produzidos com o objetivo de difundir um discurso de caráter nacionalista, ufanista, patriórico e até mesmo cômico, sentimental e romantizado. Muitos cartões, como esses apresentados, foram produzidos para enfatizar a solidariedade entre as nações aliadas, ressaltar uma narrativa depreciativa das tropas alemãs, enaltecendo a imagem e o papel social dos militares franceses, fazendo apologia ao militarismo e à guerra.

As funções dos cartões postais estão ligadas à memória, à recordação, à lembrança, ao não esquecimento. Sua leitura permite o acesso privilegiado à mentalidade de um período, e às referências estéticas estabelecidas pelos padrões culturais da época.

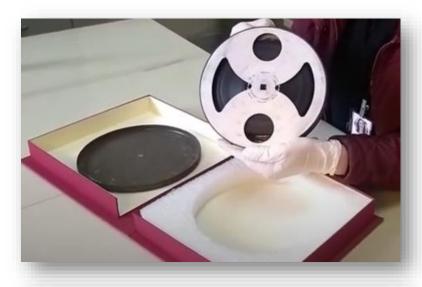
#### Referências

FERRAZ, Rosane C. Ferraz. A coleção de fotografias oitocentistas do Museu Mariano Procópio e as sociabilidades no Brasil oitocentista. Tese de doutorado. UFJF. Juiz de Fora, 2016.

\_\_\_\_\_. Catálogo de cartões-postais da Primeira Guerra Mundial (Fundação Museu Mariano Procópio). Juiz de Fora: MAPRO, 2018.

STANCIK, Marco Antônio. O manuscrito e o iconográfico em cartões-postais belicosos: da apologia cavelheiresca à contestação da Grande Guerra (1914-1918) na França. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, v. 22. n. 2., jul.-dez. 2014. p. 71-104.

VASQUEZ, Pedro Karp. *Postaes do Brazil (1893-1930)*. São Paulo: Metalivros, 2002.





## Filme de Arthur Machado com cenas do MMP (décadas 1930-40)

Em recente pesquisa nos relatórios da gestão de Geralda Armond, os historiadores do Museu Mariano Procópio encontraram, nos relatórios institucionais, a menção a um filme com imagens relativas à instituição. Após a localização da película no acervo, as imagens foram digitalizadas por técnicos especializados, através de parceria com a Funalfa.

As cenas foram realizadas nas décadas de 1930 e 1940. O conteúdo, possivelmente, é inédito, uma vez que, no último relato sobre o material, consta que Geralda Armond pretendia adquirir um projetor para a exibição do filme.

Trata-se de um compilado de cenas em 16 mm, recebido pela então diretora, em 1945, e que possui aproximadamente sete minutos de gravação. O registro é creditado ao cinegrafista amador, Arthur Machado. Nas cenas é possível reconhecer diversos espaços do Museu, como áreas internas da galeria, peças do acervo, cenas no parque, atividades cíveis no palacete que pertenceu ao irmão de Alfredo Lage, Frederico, além de imagens do próprio colecionador e de Geralda Armond. Entre os eventos registrados, a inauguração do Mausoléu da Família Ferreira Lage em 1933.

Além de possibilitar acesso pelos pesquisadores e público em geral ao registro inédito, a instituição atendeu o desejo da ex-diretora, como homenagem ao fundador do museu e à instituição, no ano em que se comemora o seu centenário.

# Referências

Link para assistir ao filme: https://www.youtube.com/watch?v=xcooHEv18tE

MUSEU MARIANO PROCÓPIO – Arquivo Histórico. *Relatórios Anuais* – administração Geralda Armond (1944-1980). Juiz de Fora (MG).

# HISTÓRIA NATURAL



## Crânios e chifres

Nas fotografias ao lado, apresentam-se dois itens do acervo de História Natural: um crânio de hipopótamo (*Hippopotamus amphibius Linnaeus*, 1758, oriundo da África subsaariana); e um de crocodilo africano (*Crocodylus niloticus Laurenti*, 1768).

Ambos integram a coleção de crânios e chifres de J. Oliveira da Silva, doada a Alfredo Ferreira Lage, em 1922. O doador era filho do vice-cônsul de Portugal em Juiz de Fora, Joaquim Dias da Silva. Em carta enviada a Alfredo Lage, em 22 de maio de 1922, e publicada no *Jornal de Comércio* de Juiz de Fora, em 30 de agosto do mesmo ano, Oliveira da Silva relata a coleta de alguns espécimes durante suas viagens pelo continente africano, propondo que estes fossem doados ao Museu Mariano Procópio. Acondicionada em caixotes, a coleção seguiu de navio de Lisboa para o Rio de Janeiro, transportada pelos agentes do *Lloyd Brasileiro*. A descrição dos itens doados consta na correspondência publicada no jornal juizforano acima citado. O exemplar consultado encontra-se na Hemeroteca do Museu Mariano Procópio e reproduzido nessa postagem.

Os dois crânios aqui apresentados ficavam expostos na sala Agassiz na década de 1960, podendo ser observados no circuito museológico até 2008, conforme registro fotográfico da bióloga Maria Salete Ferreira Figueira, profissional responsável pela concepção expográfica

das duas salas dedicadas à história natural.

As coleções de história natural eram muito comuns desde o século 17 nos apreciados "gabinetes" reservados à exposição de animais empalhados, minerais, conchas e itens de botânica. Os colecionadores brasileiros, como Alfredo Ferreira Lage, acompanhavam as tendências internacionais, influenciados pela convivência das viagens e experiências adquiridas através da aquisição dos itens no mercado europeu. Atualmente, o acervo de história natural do Museu Mariano Procópio encontra-se dividido em três categorias museológicas: mineralogia, zoologia e botânica.

#### Referências

MUSEU MARIANO PROCÓPIO. *O Museu Mariano Procópio* – catálogo. São Paulo: Banco Safra, 2006.

FIGUEIRA, Maria Salete Ferreira. *A trajetória do acervo de história natural do Museu Mariano Procópio:* de Alfredo Ferreira Lage aos dias atuais (monografia). Prefeitura Municipal de Juiz de Fora – MG/ Fundação Alfredo Ferreira Lage (Funalfa). Juiz de Fora, 2004.

# **IMPRESSOS E MANUSCRITOS**



# Álbum de envelopes e cartões-postais da Primeira Guerra Mundial

O álbum com envelopes e cartões postais que circularam durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) faz parte da Coleção Família Visconde de Cavalcanti. Pertenceu à Amélia Machado Cavalcanti de Albuquerque, viscondessa de Cavalcanti (1853–1946), prima-irmã de Alfredo Ferreira Lage, fundador do Museu Mariano Procópio. Dona de uma coleção significativa tanto em termos quantitativos quanto qualitativos, doou grande parte dela ao museu criado pelo primo.

Após o falecimento do marido, ocorrido na Chácara Mariano Procópio em 1899, Amélia Machado Cavalcanti de Albuquerque voltou a residir em Paris, permanecendo na Europa até meados da década de 1920. Logo, vivenciou a Primeira Guerra Mundial em território europeu. O conflito aconteceu entre os anos de 1914 e 1918 e envolveu as potências mundiais da época, que se organizaram em torno de duas alianças: a Tríplice Entente e a Tríplice Aliança.

O álbum é formado por mais de 400 envelopes e cartões postais, que se encontram organizados de acordo com determinados temas, manuscritos em francês pela antiga proprietária: "Países Ocupados", "Censuras Diversas", "Aeronáutica Militar", "Ministérios", "Cruzes Vermelhas Diversas" e "Campos de Prisioneiros". A estrutura do álbum evidencia o cuidado de Amélia Cavalcanti em dar uma ordem e um sentido a suas coleções. Além disso, outro item de sua coleção – um

catálogo de leilão de envelopes de guerra, elaborado pelo Comitê Internacional da Cruz Vermelha de Genebra (1918) – indica que ela estava alinhada com as práticas colecionistas daquele momento.

Dentre os envelopes e cartões postais agrupados na seção "Países Ocupados", é possível observar itens com carimbos da Bélgica, país que esteve sob ocupação alemã. Por sua vez, os envelopes reunidos na categoria "Censuras Diversas" mostram que as correspondências eram abertas e lidas por censores antes de serem encaminhadas aos destinatários. Já os diversos carimbos em um envelope ou cartão postal, assim como a presença de mais de um endereço do destinatário, indicam os deslocamentos humanos realizados durante a Grande Guerra.

Vários envelopes e cartões postais que compõem o álbum foram remetidos à viscondessa de Cavalcanti. Ou seja: além de adquirir itens através de compras ou doações, ela também inseriu em seu álbum envelopes e cartões postais recebidos durante a guerra. Parte dos itens que foram destinados à viscondessa está agrupada nas categorias "Cruzes Vermelhas Diversas" e "Campos de Prisioneiros". Dessa forma, vale destacar a atuação da Cruz Vermelha durante a Primeira Guerra Mundial. A organização criou uma agência para tratar dos prisioneiros de guerra: cuidar dos feridos, fazer as encomendas chegarem aos prisioneiros, tomar notas sobre soldados não registrados, emitir comunicados sobre irregularidades e abusos. Sem notícias, parentes de soldados escreviam para a Cruz Vermelha

solicitando informações.

O álbum possui um cartão postal remetido à "madame" Cavalcanti por uma agência de prisioneiros de guerra - "Les Nouvelles du Soldat", localizada em Paris - que acusava o recebimento de sua carta, informava que seu pedido havia sido anotado e que caso obtivesse uma resposta, essa seria encaminhada à destinatária. O álbum também é composto por itens escritos pelos prisioneiros de guerra, que agradecem o envio de "colis", encomendas recebidas nos campos de prisão e que proporcionavam algum alento aos soldados: chocolate, carne, sopa, chá, feijão, açúcar, geleia, massa, sardinha e outros. Em uma dessas correspondências, o prisioneiro confirma o recebimento de alguns produtos e agradece, sincera e antecipadamente, a possibilidade do envio de alguns cigarros numa próxima remessa.

A observação do álbum lança luz não somente sobre a relação da antiga proprietária com a Primeira Guerra Mundial, mas também sobre a dinâmica do conflito e as práticas colecionistas referentes à Grande Guerra.

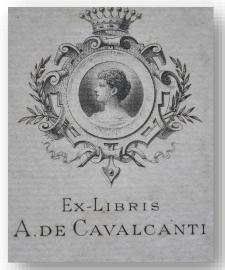
#### Referências

Cruz Vermelha surgiu após massacre em guerra do século XIX. Disponível em:
<a href="http://g1.globo.com/Sites/Especiais/Noticias/0">http://g1.globo.com/Sites/Especiais/Noticias/0</a>, MUL1275571-16107,00CRUZ+VERMELHA+SURGIU+APOS+MASSACRE+EM+GUERRA+DO+SECULO+XIX
.html#:~:text=A%20Primeira%20Guerra%20Mundial%20expandiu,tratar%20dos%20prision
eiros%20de%20guerra.&text=Antes%20dessa%20guerra%2C%20a%20a%C3%A7%C3
%A3o,aliviar%20a%20dor%20dos%20feridos.>. Acesso: aqo. 2020.

FUNDAÇÃO MUSEU MARIANO PROCÓPIO. Coleção Família Visconde de Cavalcanti (Inventário do Arquivo Histórico). Juiz de Fora, 2018.

La Croix-Rouge met en ligne ses archives sur les prisonniers de 14-18. Disponível em: <a href="https://www.la-croix.com/Actualite/France/La-Croix-Rouge-met-en-ligne-ses-archives-sur-les-prisonniers-de-14-18-2014-08-04-1187795">https://www.la-croix.com/Actualite/France/La-Croix-Rouge-met-en-ligne-ses-archives-sur-les-prisonniers-de-14-18-2014-08-04-1187795</a>>. Acesso: ago. 2020.





# Os ex libris no acervo da Biblioteca do Museu Mariano Procópio

Ex libris é uma locução latina que significa "dos livros de", "dentre os livros de" ou "(um) dos livros de". Trata-se de uma etiqueta, cuja função é identificar a que instituição ou indivíduo pertence o item bibliográfico. Assim como as assinaturas, os carimbos e as dedicatórias, os ex libris contribuem para personalizar a obra e inserila numa coleção, dificultando seu extravio. Nesse sentido, alguns proprietários apelavam até mesmo para a "maldição" na hora de confeccioná-los: "Sem livro meu, sem dedo seu"; "Este livro é de Fulano, que se ele se perder, pelo amor de Deus, lho torne a dar senão no inferno o irá pagar".

Coladas na parte interna, normalmente no verso da capa ou na guarda do livro, essas etiquetas possuem um valor que extrapola o mero utilitarismo da identificação. Sua produção, desde a origem, é revestida de caráter artístico, que individualiza e personaliza a obra ao identificar os gostos, os ideais, os costumes, a profissão, as características e o grupo social de seu proprietário. Os *ex libris* apresentam temas variados: heráldicos, simbólicos, paisagísticos, religiosos. Alguns chamam atenção por contemplarem temáticas inusitadas, com toques de humor e erotismo.

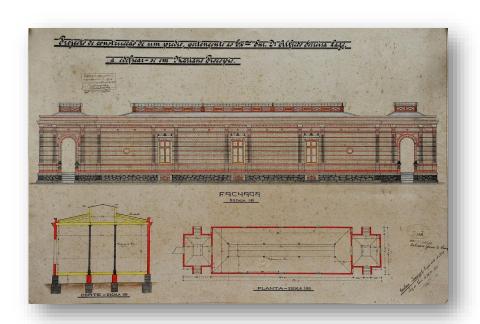
A partir do século XIX, essa marca de propriedade despertou a atenção de colecionadores, motivando a criação de diversas associações de exlibristas e a montagem de exposições pelo mundo afora. Diversas obras se tornaram raras não pelo seu conteúdo, mas pelos *ex libris* que possuem.

A Biblioteca do Museu Mariano Procópio possui várias obras portadoras dessa marca. São *ex libris* pertencentes a indivíduos que ocuparam posições de destaque no cenário nacional, como Álvaro Simões Corrêa, Cândido L. M. de Oliveira, Eduardo Prado, visconde e viscondessa de Cavalcanti. Destacam-se também os *ex libris* de Dormevilly Nóbrega, Edouard Massicot, Funchal Garcia e Sophia Jobim. De modo geral, essas etiquetas evidenciam características relacionadas ao universo da informação, do conhecimento, da erudição e da instrução.

## Referências

PINHEIRO, Priscila; VICENTE, Sérgio. Uma marca de propriedade: os ex libris no Museu Mariano Procópio (Juiz de Fora – MG). *Jornal Aldrava Cultural*.

Disponível em: <a href="https://www.jornalaldrava.com.br/Doc/artigo\_ex\_libris.pdf">https://www.jornalaldrava.com.br/Doc/artigo\_ex\_libris.pdf</a>>. Acesso em: mai. 2021.



# Projeto de construção da "Galeria de Belas Artes do Museu Mariano Procópio"

Datado de 1921, o projeto de construção do núcleo inicial do "Prédio Mariano Procópio", uma das duas edificações históricas que compõem o Museu Mariano Procópio, faz parte do Arquivo Histórico da instituição.

Alfredo Ferreira Lage inaugurou o museu no dia 23 de junho de 1921, em comemoração ao centenário de nascimento do seu pai, Mariano Procópio. Naquele momento, o museu era formado somente pela *Villa*, que havia sido residência de veraneio da família Ferreira Lage. Também conhecida como "Castelinho", a *Villa* foi construída na década de 1860, no contexto de inauguração da Estrada União e Indústria, que ligava Juiz de Fora a Petrópolis.

Entretanto, para melhor abrigar e expor suas coleções, Alfredo planejou a construção de um novo prédio. Diferentemente da *Villa*, residência da família que se tornou museu, a nova edificação foi construída com uma função específica: a de ser um espaço museológico. Esse fato é significativo, pois, até onde se sabe, esse foi o primeiro prédio erguido no país com o objetivo de abrigar um museu. A Galeria de Belas Artes do Museu Mariano Procópio, construída pela firma Jacob e Jorge Kneipp, foi solenemente inaugurada em maio de 1922. Na época, a revista *Fon-Fon* publicou fotos do evento e "das novas galerias que foram construídas por desenho do professor

Bernardelli", referência a Rodolpho Bernardelli, renomado artista com quem Alfredo manteve contato.

O prédio retangular alongado seguia os moldes das galerias europeias. É caracterizado por um amplo espaço, pela claraboia e lanternim - responsáveis pela passagem de luz natural e ventilação. O projeto de construção do novo prédio mostra que o edifício foi concebido no mesmo estilo que a *Villa*, como se a completasse. A semelhança entre as fachadas dos dois edifícios, que foram ligados através de um passadiço, é notável.

O documento arquivado no museu foi assinado pelo engenheiro arquiteto Gustavo Tonagel, em fevereiro de 1921. Ou seja: antes mesmo da inauguração oficial do Museu Mariano Procópio, Alfredo Lage já planejava a construção do novo espaço, projetado para receber as coleções que não paravam de crescer. Em 1944, ano do falecimento do fundador do museu, o projeto de construção do prédio, que tem 61,5 cm de altura e 90,5 de largura, encontrava-se exposto no primeiro andar do "Castelinho".

A Galeria de Belas Artes recebeu o nome de "Maria Amália" em homenagem à matriarca da família Lage. A edificação inicial, inaugurada em 1922, foi ampliada nas décadas de 1930 e 1980. Atualmente, é chamada de "Prédio Mariano Procópio" ou "Anexo".

#### Referências

Fon-Fon, Ano 16, n. 22, Rio de Janeiro, jun. 1922.

PINTO, Rogério Rezende. Alfredo Ferreira Lage, suas coleções e a constituição do Museu Mariano Procópio – Juiz de Fora, MG. Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2008. (Dissertação de mestrado).

STEPHAN, Lina Malta. Análise das intervenções arquitetônicas nos imóveis tombados do Museu Mariano Procópio, em Juiz de Fora - MG. Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2015. (Dissertação de Mestrado).







# Convite para as exéquias de D. Pedro II

O convite para as exéquias de d. Pedro II faz parte da Coleção Família Imperial, que está sob a guarda do Arquivo Histórico do Museu Mariano Procópio.

Pedro de Alcântara João Carlos Leopoldo Salvador Bibiano Francisco Xavier de Paula Leocádio Miguel Gabriel Rafael Gonzaga tornou-se o segundo imperador do Brasil com apenas cinco anos de idade, após a abdicação do trono brasileiro por seu pai, d. Pedro I, ocorrida em 1831. Com a antecipação de sua maioridade, em 1840, d. Pedro II governou o país até 15 de novembro de 1889, quando a república foi instaurada no Brasil e a família imperial exilada na Europa. Lá, o imperador destituído passou a se identificar como Pedro de Alcântara. Banido do território brasileiro, faleceu no Hotel Bedford, em Paris, no dia 05 de dezembro de 1891.

Apesar do silêncio do regime republicano, a morte do ex-imperador teve grande repercussão no Brasil e no mundo: milhares de telegramas e centenas de coroas de flores foram enviados ao hotel. A imprensa estrangeira publicou artigos elogiosos a sua figura. Sua cerimônia fúnebre mobilizou grande parte da realeza europeia. A França, símbolo da república, homenageou o ex-imperador americano concedendo-lhe um funeral pomposo: como titular da Grã-Cruz da Legião de Honra, d. Pedro recebeu tratamento e honras militares.

Adornado com os símbolos pátrios, foi consagrado na morte.

O Arquivo Histórico do Museu Mariano Procópio possui alguns exemplares do convite para as exéquias de d. Pedro II, que aconteceram na igreja de Madeleine, em Paris, no dia 09 de dezembro de 1891. O convite, escrito em francês, possui as armas imperiais e uma margem preta, em referência ao luto. Impresso pela *Maison Henri de Borniol*, casa funerária ativa ainda hoje, apresenta d. Pedro como "Sua Majestade O Imperador do Brasil". No canto inferior esquerdo consta a informação por onde os convidados deveriam entrar para tomar seus lugares. No canto inferior direito, o nome do conde de Aljezur, camareiro da Corte Imperial. Os convites para as exéquias do ex-imperador são conhecidos em diferentes cores, as quais indicavam o lugar do convidado na igreja. Além disso, são raros, já que poucos exemplares foram conservados.

Os despojos mortais dos ex-imperadores d. Pedro II e d. Teresa Cristina permaneceram no jazigo da família Bragança, em Portugal, até 1921, quando foram transladados para o Brasil, no contexto das comemorações do centenário da independência. Em 1939, com a presença do presidente Getúlio Vargas, foram transferidos para o mausoléu da Catedral São Pedro de Alcântara, localizada em Petrópolis. A república fazia, assim, as pazes com o passado monárquico do Brasil.

#### Referências

CARVALHO, José Murilo de. *D. Pedro II*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FAGUNDES, Luciana Pessanha. Nos funerais de D. Pedro II: batalhas e incertezas na escrita da memória e da história da monarquia. In: *Anais do XIV Encontro Regional da Anpuh-Rio*, jul. 2010. Disponível em: <a href="http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1276724881">http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1276724881</a> ARQ UIVO TextocompletoAnpuhRegional2010.pdf>. Acesso em: jul. 2021.

PINHEIRO, Priscila da Costa. Viva o rei morto. *Revista Trama*: arte, cultura e criatividade, Juiz de Fora, v. 105, 22 ago. 2021. Disponível em: <a href="https://tramabodoque.com/2021/08/22/viva-o-rei-morto/">https://tramabodoque.com/2021/08/22/viva-o-rei-morto/</a>.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As barbas do imperador:* D. Pedro II, um monarca nos trópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.





# Álbum de autógrafos de Alfredo Ferreira Lage

O álbum de autógrafos de Alfredo Ferreira Lage faz parte da Coleção Família Ferreira Lage, que está sob a guarda do Arquivo Histórico do Museu Mariano Procópio.

Para a maioria das pessoas, a palavra "autógrafo" encontra-se associada à assinatura de uma personalidade. Entretanto, a definição do termo vai além, já que qualquer item escrito por alguém é um autógrafo - que pode ou não ser assinado. Cartas, documentos, dedicatórias, desenhos, mapas, pensamentos, frases literárias ou musicais manuscritas compõem esse universo.

Dentre as coleções de Alfredo Ferreira Lage, fundador do Museu Mariano Procópio, destaca-se a de autógrafos, que deu origem ao Arquivo Histórico da instituição, criado em 1939. Alfredo adquiriu cartas e documentos para sua coleção através de leilões e doações. Além disso, coletou desenhos, frases musicais e literárias em um álbum.

A origem dos álbuns de autógrafos está, provavelmente, relacionada aos cadernos de desenhos e anotações utilizados por estudantes e viajantes dos séculos XVI e XVII. No século XIX, os álbuns se popularizaram na Europa e ganharam destaque. Neles, os proprietários reuniam pensamentos, mensagens e dedicatórias manuscritas por personalidades diversas. Nesse período, os álbuns

passaram a figurar nas casas da elite, frequentadas por músicos, literatos e artistas plásticos.

O álbum de Alfredo Lage possui encadernação de capa dura, ornamentada. Reúne autógrafos de indivíduos como Arthur Napoleão, José Vianna da Motta, Raphael Bordallo Pinheiro, Coelho Netto e Souza Pinto, coletados entre os anos de 1899 e 1905. Observa-se que os personagens deixaram seu registro de acordo com sua arte: o músico registrou trecho ou frase musical; o pintor, um desenho; o caricaturista, uma caricatura; o escritor, um poema. Todos os autógrafos do álbum são assinados.

#### Referências

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. Agenda Cultural, novembro de 2015. Disponível em: <a href="https://www.bn.gov.br/sites/default/files/documentos/producao/folheto/2015/1511\_agenda-cultural\_0\_0.pdf">https://www.bn.gov.br/sites/default/files/documentos/producao/folheto/2015/1511\_agenda-cultural\_0\_0.pdf</a>>.

LAGO, Pedro Corrêa do. *Documentos autógrafos brasileiros*. Rio de Janeiro: Salamandra, 1997.

PINHEIRO, Priscila da Costa. Os autógrafos no Museu Mariano Procópio. *Revista Trama*: arte, cultura e criatividade, Juiz de Fora, v. 111, 03 out. 2021. Disponível em: <a href="https://tramabodoque.com/2021/10/03/os-autografos-no-museu-mariano-procopio/">https://tramabodoque.com/2021/10/03/os-autografos-no-museu-mariano-procopio/</a>.









# Álbum das Glórias, de Rafael Bordalo Pinheiro

O Álbum das Glórias foi produzido pelo caricaturista português Rafael Bordalo Pinheiro em parceria com escritores portugueses. A obra é composta por 39 números, que foram publicados em duas séries (1880-1883 e 1902). Cada edição da publicação apresenta uma caricatura, que é acompanhada por um texto. Essa estrutura torna a obra peculiar, pois a imagem produzida por Bordalo Pinheiro e o texto redigido por seus colaboradores são indissociáveis e revelam uma determinada interpretação sobre uma figura pública.

As caricaturas do *Álbum das Glórias* são coloridas, o que não era comum na época. Abaixo de cada imagem há uma pequena expressão que procurava definir o indivíduo caricaturado. A maior parte dos textos é assinada por "João Ribaixo", pseudônimo de Ramalho Ortigão, e "João Rialto", pseudônimo de Guilherme de Azevedo, intelectuais que já haviam trabalhado com Rafael Bordalo em momentos anteriores.

O Álbum das Glórias é formado, predominantemente, por ilustrações de personalidades portuguesas, tais como Eça de Queiroz, Camilo Castelo Branco, Lucinda Simões e D. Luiz I, rei de Portugal. É formado também por imagens personificadas de algumas instituições do país, como a Universidade de Coimbra e a Carta Constitucional. Assim como outras obras de Bordalo Pinheiro, o Álbum das Glórias apresenta, de forma crítica, um "retrato" da sociedade portuguesa do

século XIX.

A obra inclui, ainda, alguns personagens brasileiros. A presença de Joaquim Saldanha Marinho, Lopes Trovão, Luiz Guimarães e d. Pedro II na publicação sugere que a análise do perfil desses indivíduos era relevante para a compreensão da sociedade portuguesa e para a reflexão de temas que estavam em pauta tanto no Brasil quanto em Portugal. A edição de número 5 do Álbum das Glórias, publicada em maio de 1880, faz uma crítica à construção da imagem de d. Pedro II como um "monarca-cidadão", avesso às pompas do poder, e como um "monarca ilustrado", conhecedor das artes, ciências e letras. Ao satirizarem d. Pedro II, tio do rei de Portugal, texto e imagem revelam uma crítica não apenas à monarquia brasileira, mas às estruturas de poder portuguesas.

O Álbum das Glórias consta no livro de registros da Biblioteca do Museu Mariano Procópio, elaborado em 1939, ano em que o setor *Biblioteca-Arquivos* foi inaugurado por Alfredo Ferreira Lage, fundador do museu.

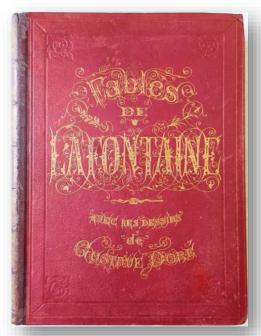
#### Referências

BRITO, Rômulo de Jesus Farias. *Um traço sobre o Atlântico*: o Brasil na obra caricatural de Rafael Bordalo Pinheiro (1870-1905). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2017. (Tese de Doutorado).

MUSEU BORDALO PINHEIRO. Disponível em:

<a href="https://museubordalopinheiro.pt/rafael-bordalo-pinheiro/">https://museubordalopinheiro.pt/rafael-bordalo-pinheiro/</a>>. Acesso em: set. 2021.

PINHEIRO, Priscila da Costa. O imperador do Brasil no *Álbum das Glórias*. *Revista Trama*: arte, cultura e criatividade, Juiz de Fora, v. 119, 28 nov. 2021. Disponível em: <a href="https://tramabodoque.com/2021/11/28/o-imperador-do-brasil-no-album-das-glorias/">https://tramabodoque.com/2021/11/28/o-imperador-do-brasil-no-album-das-glorias/</a>.





## Fábulas, de La Fontaine

As *Fábulas* foram escritas pelo poeta e fabulista francês Jean de La Fontaine (1621–1695). As diversas edições da obra, publicadas ao longo dos três últimos séculos, contemplam tanto o público adulto quanto o infanto juvenil e contribuíram para a construção dos repertórios culturais de diferentes gerações. O exemplar existente na Biblioteca do Museu Mariano Procópio é uma reedição francesa, produzida em Paris pela "Librairie de L. Hachette et Cie", datada de 1868. A obra, que possui mais de 800 páginas e reúne os 12 livros de fábulas publicados por La Fontaine, chama atenção pela encadernação de luxo, pelas dimensões e ilustrações.

Inspirado pela tradição clássica, La Fontaine escreveu 240 fábulas em verso, distribuídas em 12 livros que foram publicados entre os anos de 1668 e 1694. Dentre as fábulas mais conhecidas, destacam-se "A cigarra e a formiga", "A lebre e a tartaruga", "O leão e o rato", "A raposa e as uvas" e "O conselho dos ratos".

As fábulas são histórias curtas, escritas em linguagem simples e que trazem um ensinamento, chamado de moral da história. Os personagens são animais antropomórficos: ou seja, possuem características e comportamentos humanos. Através deles, La Fontaine retratou a corte francesa da segunda metade do século XVII, período marcado pelo reinado de Luís XIV, conhecido como Rei Sol.

Além do homem da corte, o autor retratou ainda o homem comum. Ao abordar temas como a vaidade, o poder, a astúcia, a bajulação, a força, a amizade e a generosidade, La Fontaine apresenta uma crítica não somente à sociedade de sua época, mas à natureza humana, com suas virtudes e defeitos, conflitos e ambições. Por isso, as *Fábulas*, escritas de forma satírica e didática, permanecem atuais. La Fontaine afirmou que se servia dos animais para instruir os homens.

A edição pertencente à Biblioteca do Museu Mariano Procópio se destaca pelas dimensões que possui (37,5 cm de altura, 29,5 cm de largura e 6 cm de espessura) e pela encadernação vermelha de capa dura, com gravações em dourado. O exemplar contém ilustrações elaboradas pelo francês Gustave Doré (1832-1883), renomado desenhista e gravurista do século XIX que ilustrou importantes obras da literatura universal, como "A divina comédia", "Dom Quixote" e a "Bíblia". A edição de *Fábulas*, apresentada aqui, pertencia a Alfredo Ferreira Lage, fundador do Museu Mariano Procópio, e foi doada à Biblioteca em 1939, ano em que o setor foi inaugurado.

### Referências

ARQUIVO E BIBLIOTECA DA MADEIRA. La Fontaine e a Fábula no Arquivo e na Biblioteca da Madeira. Disponível em: <a href="https://abm.madeira.gov.pt/lafontaine-e-a-fabula/">https://abm.madeira.gov.pt/lafontaine-e-a-fabula/</a>>. Acesso em: out. 2021.

BIBLIOTECA DIGITAL MUNDIAL. Fábulas de La Fontaine. Disponível em: <a href="https://www.wdl.org/pt/item/14237/">https://www.wdl.org/pt/item/14237/</a>. Acesso em: out. 2021.



## Diplomas da Exposição Nacional de 1908

Os diplomas de premiação da Exposição Nacional de 1908 pertencem à coleção Família Ferreira Lage, que está sob a guarda do Arquivo Histórico do Museu Mariano Procópio. O diploma de "Medalha de Ouro" foi conferido a Alfredo Ferreira Lage, premiado pela exposição de fotografias autorais. Já o diploma de "Grande Prêmio" foi concedido ao *Photo Club* do Rio de Janeiro, espaço que reunia fotógrafos amadores e que foi presidido por Alfredo.

A Exposição Nacional foi inaugurada no dia 11 de agosto de 1908, na cidade do Rio de Janeiro, e esteve aberta ao público até 15 de novembro do mesmo ano. O evento foi planejado como uma comemoração ao centenário da abertura dos portos do Brasil ao comércio internacional, decretada pelo príncipe regente de Portugal, D. João, em 1808, no contexto de chegada da família real portuguesa ao Brasil. A exposição contava com quatro seções - agricultura, indústria pastoril, várias indústrias e artes liberais - que exibiam um "inventário" do país através de seus produtos agrícolas, pastoris, industriais e artísticos. Além disso, ela apresentava o Rio de Janeiro, então capital federal, após as reformas urbana e sanitária conduzidas pelo prefeito Pereira Passos entre os anos de 1903 e 1906. Sob a ótica classificatória e evolucionista do século 19, ainda presente na primeira década do século seguinte, o Rio e, consequentemente, o Brasil "civilizavam-se". Por se tratar de uma exposição nacional, seu objetivo consistia na divulgação do país para a própria sociedade brasileira.

A promoção de exposições nacionais pelos governos republicanos, no início do século 20, funcionava como um fator de integração dos brasileiros ao sistema político instituído em 1889: se, por um lado, a comemoração do centenário de uma "data histórica" indicava um passado em comum, por outro, a celebração do "progresso" e da "modernização" vivenciados pelo Brasil republicano servia como um contraponto ao "retrocesso" e ao "atraso" relacionados, pelo sistema político instituído em 1889, à monarquia.

Dentre os elementos que compõem o diploma da Exposição Nacional de 1908, desenhado pelo artista Oscar Pereira da Silva (1867-1939), vale destacar a alegoria da república brasileira, representada por uma mulher vestida com trajes característicos da antiguidade clássica. Sobre sua cabeça, observa-se um barrete frígio e ramos, provavelmente, de café. Sua mão esquerda pousa sobre um globo que destaca a América do Sul, enquanto sua mão direita segura a carta régia de abertura dos portos. A figura feminina representada no diploma, símbolo da liberdade, mostra-se centrada, equilibrada e segura – tal como a jovem república pretendia ser e, principalmente, se afirmar.

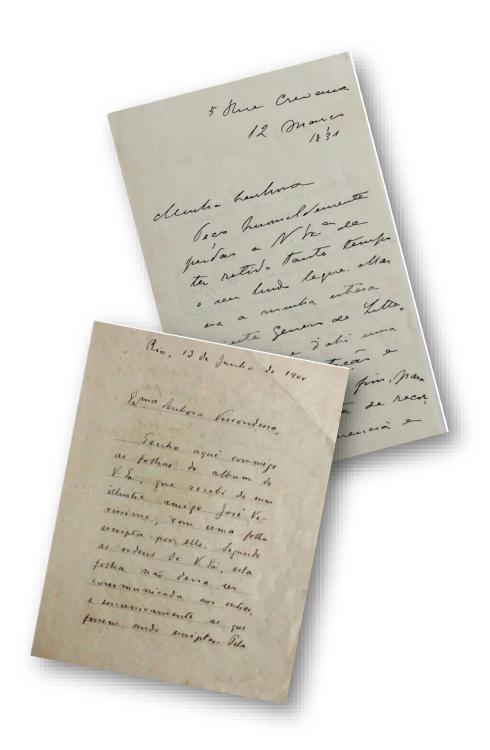
### Referências

COSTA, Carla. Série "O Rio de Janeiro desaparecido" II – A Exposição Nacional de 1908 na Coleção Família Passos. Disponível em: <a href="https://brasilianafotografica.bn.gov.br/?p=11621">https://brasilianafotografica.bn.gov.br/?p=11621</a>. Acesso em: nov. 2021.

FERRAZ, Rosane Carmanini. *A fotografia amadora e a família Ferreira Lage:* Alfredo e Frederico Ferreira Lage. Fundação Museu Mariano Procópio, 2012.

PEREIRA, Margareth da Silva. A Exposição de 1908 ou o Brasil visto por dentro. *Arqtexto*, n. 16. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em:

<a href="https://www.ufrgs.br/propar/publicacoes/ARQtextos/pdfs\_revista\_16/01\_MSP">https://www.ufrgs.br/propar/publicacoes/ARQtextos/pdfs\_revista\_16/01\_MSP</a>
.pdf>. Acesso em: nov. 2021.



## Correspondências de Eça de Queirós e Machado de Assis

Duas correspondências pertencentes ao Arquivo Histórico do Museu Mariano Procópio despertam especial interesse: uma de autoria do escritor português Eça de Queirós (1845-1900), datada de março de 1891, e outra de autoria do escritor brasileiro Machado de Assis (1839-1908), datada de junho de 1900. Redigidas por dois dos mais reconhecidos escritores da língua portuguesa do século XIX, ambas foram destinadas à Amélia Machado Cavalcanti de Albuquerque, viscondessa de Cavalcanti (1853-1946). Dona de uma coleção significativa, doou grande parte dela ao museu criado por seu primo-irmão, Alfredo Ferreira Lage.

Na carta, escrita em Paris, Eça faz menção ao famoso leque de autógrafos da viscondessa, também pertencente ao acervo do Museu Mariano Procópio. Ele escreve: "Minha senhora, peço humildemente perdão a V. Exa. de ter retido tanto tempo o seu lindo leque. Mas era minha estreia neste gênero de literatura — e daí uma natural hesitação e demora. E, no fim, para quê? Para ter de recorrer à experiência e sapiência de Salomão, Rei de Jerusalém! Tenho aos pés de V. Exa., minha senhora, os meus mais profundos respeitos. Eça de Queirós". O referido leque possui 68 autógrafos de escritores, atores, músicos, cientistas, artistas plásticos e estadistas. O primeiro registro foi realizado por d. Pedro II, em 1890. Nele, o ex-imperador, exilado na Europa em decorrência da proclamação da República no Brasil,

ocorrida no ano de 1889, se identificou como Pedro d'Alcântara. Por sua vez, o último autógrafo foi deixado pela própria viscondessa, que assinou o objeto em 1945.

Já a carta de Machado de Assis refere-se aos autógrafos de escritores, manuscritos em forma de verso ou prosa sobre folhas de papel, colecionados pela viscondessa de Cavalcanti. Na correspondência, redigida no Rio de Janeiro, o remetente escreve: "Exma. senhora viscondessa, tenho aqui comigo as folhas do álbum de V. Ex., que recebi do meu ilustre amigo José Veríssimo, com uma folha escrita por ele. Segundo as ordens de V. Ex., esta folha não devia ser comunicada aos outros, e sucessivamente as que forem sendo escritas. Pela minha parte, violei a regra, lendo aquela folha, que fica em meu poder, até que V. Ex. mande o contrário. Ora, eu quisera saber se V. Ex. me ordena que continue a passar as folhas do álbum às outras pessoas a quem já falei, encarregando-me de as reter comigo e remetê-las todas juntas a V. Ex., ou se quer que lhas envie uma a uma escritas, ou enfim, se resolveu outra qualquer cousa sobre isto, - o que tudo cumprirei, segundo me for determinado. Não incluo já aqui a folha escrita pelo J. Veríssimo para não haver de a dobrar. Queira V. Exª dispor de quem é, com elevada consideração, de V. Exª admirador e obrigado, Machado de Assis".

As correspondências apresentadas oferecem várias possibilidades de pesquisa. Através delas é possível investigarmos, por exemplo, as redes de sociabilidade da viscondessa ou, ainda, suas práticas

colecionistas.

## Referências

CHRISTO, Maraliz de C. V. *A viscondessa e seus artistas:* a trajetória de um leque de autógrafos. Disponível em: <a href="http://www.cbha.art.br/coloquios/2016/anais/pdfs/3\_maraliz%20castro.pdf">http://www.cbha.art.br/coloquios/2016/anais/pdfs/3\_maraliz%20castro.pdf</a>>. Acesso em: dez. 2021.

FUNDAÇÃO MUSEU MARIANO PROCÓPIO. *Coleção Família Visconde de Cavalcanti* (Inventário do Arquivo Histórico). Juiz de Fora, 2018.

GARCIA, Leandro. *Epistolografia e Pensamento: intersecções, desafios.* Disponível em: <a href="https://m.youtube.com/watch?v=QxcpXmYPSVE">https://m.youtube.com/watch?v=QxcpXmYPSVE</a>.



## Cartão de "Boas Festas", produzido por Guima

O cartão com votos de boas festas e feliz ano novo, produzido pelo artista plástico João Guimarães Vieira, o Guima, a partir da técnica de colagem, foi enviado a Arthur Arcuri, em dezembro de 1956. Nele Guima escreveu: "Ao Arcuri e Geralda, com um grande abraço e os melhores votos de boas festas e feliz ano novo. Guimarães e Inah, Natal de 1956". O item integra a coleção de documentos particulares de Arcuri, que foi diretor do Museu Mariano Procópio entre os anos de 1983 e 1996.

O cartão em destaque foi transformado em painel para a residência do engenheiro e empresário Frederico Álvares de Assis, construída em Juiz de Fora. Projetado por Arthur Arcuri nos anos 50, o imóvel possuía alguns murais de autoria de João Guimarães Vieira. Originalmente concebida como cartão de Natal, a obra, convertida em painel, foi incorporada a uma parede lateral da residência. Após o falecimento do proprietário, ocorrido em 1973, a casa foi alugada para o Colégio Magister, que ocupou o local até o ano de 2002. Três anos depois, o mural foi demolido junto com o imóvel. Em 2021, o Coletivo Agrupa reproduziu o painel na reitoria da Universidade Federal de Juiz de Fora, como tributo ao artista.

Guima tinha a prática de, anualmente, presentear os amigos com pinturas, desenhos e colagens em forma de cartão de Natal. Carlos Drummond de Andrade, parte desse círculo de amizade, respondia os cartões recebidos do artista com uma poesia. Numa correspondência remetida a Guimarães Vieira, também datada do Natal de 1956 e pertencente ao museu, o escritor mineiro registrou: "Vida: reúne as alegrias mais puras e com elas tece a harmoniosa trama dos dias de Guimarães Vieira. Acontece que, criador dos mais atilados, sabe ele compor seu desenho até mesmo em papéis colados. [...]".

João Guimarães Vieira (1920-1996) iniciou seus estudos de desenho e pintura com Edson Motta, em Juiz de Fora, na década de 1940. Atuou como diretor da *Folha Mineira*, redator do *Diário Mercantil* e bancário. Foi professor de História da Arte e de Fundamentos das Artes Visuais no Centro de Artes da Universidade do Rio de Janeiro e chefe do Departamento de Teoria do Teatro da Federação das Escolas Federais do Estado do Rio de Janeiro. Integrou o Conselho de Amigos do Museu Mariano Procópio e exerceu atividades culturais no Banco do Brasil e no Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, atual IPHAN. Como artista plástico produziu ilustrações, capas de livros, afrescos residenciais e murais em locais públicos. É autor do painel que compõe a Biblioteca Central da Universidade Federal de Juiz de Fora, datado de 1975.

## Referências

O MUSEU Mariano Procópio. São Paulo: Banco Safra, 2006.

SANTANA, Rodrigo; PUGLIESI, Stella. *Arquitetura moderna em Juiz de Fora:* a contribuição de Arthur Arcuri. Funalfa: Juiz de Fora, 2002.

TRIBUNA DE MINAS. *Mural de Guima do Colégio Magister é reproduzido na UFJF.* Jul. 2021. Disponível em:

<a href="https://tribunademinas.com.br/noticias/cultura/30-07-2021/mural-de-guima-do-colegio-magister-e-reproduzido-na-ufjf.html">https://tribunademinas.com.br/noticias/cultura/30-07-2021/mural-de-guima-do-colegio-magister-e-reproduzido-na-ufjf.html</a>. Acesso em: dez. 2021.

VIEIRA, Bernardo da Silva. *A comunhão das artes e da natureza*: as residências de Arthur Arcuri. Rio de Janeiro, 2006. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Dissertação). Disponível em: <a href="http://objdig.ufrj.br/21/teses/677757.pdf">http://objdig.ufrj.br/21/teses/677757.pdf</a>>. Acesso em: dez. 2021.



## Charge da revista O Malho

Este exemplar da revista carioca *O Malho*, n. 168, publicado em 2 de dezembro de 1905, traz na capa uma charge bastante emblemática da relação entre República e Monarquia no Brasil, no momento em que o golpe civil-militar que destronou o segundo imperador brasileiro já havia completado dezesseis anos.

Conforme o próprio título já sugere, a revista *O Malho* compunha o seleto grupo de periódicos humorísticos que circulavam pela então capital do país, Rio de Janeiro, nos anos iniciais do século XX. A grande profusão de publicações do gênero constitui fontes inesgotáveis de pesquisa sobre as críticas políticas e sociais veiculadas naquele contexto. Destacam-se em suas publicações as contradições e impasses vivenciados pela jovem República brasileira, que experimentava a implantação de projetos modernizadores diante de uma realidade repleta de problemas sociais e exclusões, além de "viver às voltas" com conflitantes e ambíguas relações com os monarquistas.

Não por acaso, a charge foi publicada em 2 de dezembro, exatamente no dia em que se comemorava o nascimento do destronado, exilado e já falecido imperador brasileiro, d. Pedro II, cujo retrato ricamente emoldurado, sustentado por um cavalete posicionado entre as abas de uma cortina, aparece em destaque na representação humorística,

ladeado por dois personagens políticos da época: do lado esquerdo, Affonso Pena, e, do lado direito, Affonso Celso, que aponta o braço para o "velho monarca". A cadeira segurada pelas mãos do futuro presidente da República (1906-1910) simboliza a oferta, ao monarquista, do cargo de representante do Estado na legislatura seguinte, como demonstra o diálogo abaixo da charge: "À vista da calorosa recepção que acabas de ter do povo mineiro, não posso deixar de te oferecer esta cadeira de representante do nosso Estado, na próxima legislatura. Aceitas?". Logo em seguida, Affonso Celso responde: "Aceito, contanto que a olímpica figura do grande Imperador morto continue a governar cada vez mais os meus atos...".

O povo brasileiro, aqui representado pela figura do personagem "Zé Povo", enquanto observa a cena teatral, pensa: "Aponta para o falecido monarca cujo aniversário natalício é hoje?... Continua firme nos seus princípios monarquistas... Ora, sempre quero ver como o nosso velho mineiro descalça esta bota! São dois Affonsos em questão... Voltaremos ao tempo dos Affonsinhos?!..." Possivelmente inspirado no personagem "Zé Povinho", do periódico português O Antonio Maria, "Zé Povo" observa a barganha política entre dois personagens, que, apesar de ocuparem vertentes políticas distintas (um, República; outro, Monarquia), procuram costurar relações e pactos que têm como articulação a popular figura de d. Pedro II e o diálogo com tradições e culturas políticas do Império. O termo "tempo dos Affonsinhos", supostamente, faz referência a uma postura

"passadista" do futuro presidente, que, buscando fortalecer o apoio político da bancada mineira, tentava barganhar com um monarquista.

Vale ressaltar que Afonso Pena e Afonso Celso eram mineiros nascidos no século XIX: o primeiro, em 1847; e o segundo, em 1860. Ambos, apesar da diferença de idade, trilharam trajetórias políticas no período Imperial. Afonso Pena exerceu cargos de deputado provincial e deputado geral através do partido Liberal, foi ministro da Guerra, da Agricultura, Comércio e Obras Públicas e do Interior e Justiça. Além disso, estabeleceu próxima relação com o pai de Afonso Celso, o Visconde de Ouro Preto. Em 1892, já no período republicano, assumiu a presidência de Minas, após a renúncia de Cesário Alvim. O também mineiro, Afonso Celso, foi deputado geral por Minas Gerais. Com a proclamação da República, abandonou a política e acompanhou o pai (Visconde de Ouro Preto) no exílio para a Europa, tendo, no início da República, dedicado à defesa do pai na política.

Se, de um lado, o movimento restaurador monárquico ainda representava uma ameaça ao regime vigente, implantado através de um golpe civil-militar, por outro, é possível observar no "tabuleiro" político uma ambígua e conciliadora postura dentro de determinados grupos republicanos e monarquistas. Afinal, apesar da derrubada do regime monárquico, do exílio do imperador e da construção de uma narrativa política que associava a monarquia ao atraso, a figura de D. Pedro II era ainda bastante ovacionada por amplos segmentos sociais,

tornando-se uma espécie de mito político associado, no imaginário social, à romântica visão de uma "era de ouro" da história brasileira. Esta charge, portanto, quando lida como um produto cultural historicamente situado e dentro das tramas políticas do contexto, pode ser capaz de despertar uma série de reflexões sobre o quão complexa era a relação entre monarquistas e republicanos durante os anos iniciais da Primeira República.

## Referências

FAGUNDES, Luciana Pessanha. *De volta à terra pátria:* o translado dos restos mortais de D. Pedro II e Thereza Cristina para o Brasil (1921). In: Anais do XXVIII Simpósio Nacional de História – Lugares dos historiadores: velhos e novos desafios, jul. 2015. Disponível em:

http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1434405974\_ARQUIVO\_T extocompletoanpuh2015.pdf.

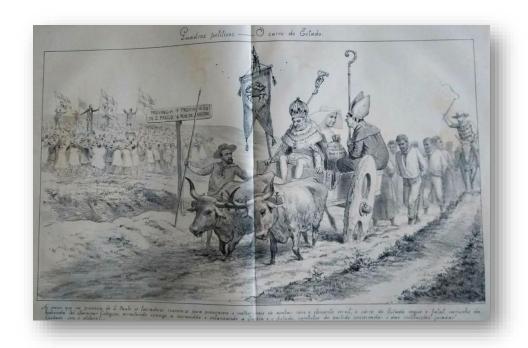
MELLO, Maria Tereza Chaves de. *A República Consentida*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

SALIBA, Elias Thomé. *Raízes dos Riso:* a representação humorística na história brasileira: da *Belle Époque* aos primeiros tempos do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SCHWARCZ, Lilia. *De olho em d. Pedro II e seu reino tropical.* São Paulo: Claro Enigma, 2009.

VELLOSO, Monica. *Modernismo no Rio de Janeiro:* turunas e quixotes. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996.

VICENTE, Sérgio Augusto. Republicanos e Monarquistas: conflitos e conciliações. *Revista Trama:* arte, cultura e criatividade, Juiz de Fora, v. 98, 4 jul. 2021.



## Charge da Revista Ilustrada

Na Revista Ilustrada (ano 12, n. 476, 1887), publicada no Rio de Janeiro, chamamos atenção para uma charge de autoria do caricaturista Ângelo Agostini. Trata-se de uma das inúmeras charges que, tendo circulado no Brasil nas décadas finais do século 19, contribuíram para o chamado "movimento republicano", responsável pela queda da monarquia brasileira em 15 de novembro de 1889.

Estudos mais recentes mostram que o Brasil, na década de 1880, conheceu significativa expansão do espaço público. Aumentava-se nesse contexto a circulação de periódicos, que faziam críticas ao regime monárquico e às mazelas políticas e sociais do Império. Muito usadas na época, as revistas ilustradas exploravam a temática através de charges e caricaturas. Em uma população, cuja maioria não sabia ler e escrever, a linguagem não verbal conseguia atingir um público mais amplo que o alfabetizado. A "Revista Ilustrada" se inseriu nesse grupo. Joaquim Nabuco (1849-1910) a caracterizava como a "Bíblia abolicionista dos que não sabiam ler" e Monteiro Lobato (1882-1948) dizia que "não havia casa em que não penetrasse a Revista, e tanto deliciava as cidades como as fazendas".

Fundado por Ângelo Agostini em 1876, o referido periódico circulou até 1898. Com uma tiragem que atingiu a marca de quatro mil exemplares, alcançou grande parte do território nacional, levando

temas polêmicos ao público. Durante grande parte de sua existência, a revista não contou com a ajuda de patrocinadores e se sustentava com a venda de seus exemplares, o que lhe garantiu maior autonomia na veiculação de críticas à monarquia, à escravidão, à união entre Igreja e Estado (propugnada pela Constituição de 1824), dentre outras.

Seu fundador nasceu na Itália em 1842 e morou na França durante boa parte de sua infância e adolescência, onde recebeu formação artística e influências libertárias. Veio para o Brasil em 1859, iniciando seus trabalhos como pintor retratista em São Paulo. Na imprensa, começou como desenhista do jornal "O Diabo Coxo", no qual iniciou contato mais consistente com ideais abolicionistas. Durante a década de 1880, escancarou as páginas da Revista Ilustrada para charges e caricaturas que denunciavam não apenas os abusos cometidos contra os escravos, mas também os embates políticos travados entre abolicionistas e escravocratas.

Na charge reproduzida na página anterior, pode-se observar que o desenhista utilizou um conjunto de representações que visam a desqualificar e/ou dessacralizar o regime monárquico. Observa-se o monarca sobre um carro de bois, circulando em estrada repleta de lama. Atrás do carro de bois, escravizados são açoitados por um escravocrata a cavalo. O estandarte ao lado do imperador traz estampados o desenho de um caranguejo e a frase "Quero, posso e

devo manter a escravidão". Todos esses elementos situados ao lado direito da charge de Agostini se associam ao atraso, ao passo que, do lado esquerdo, numa topografia mais elevada, encontra-se uma aglomeração de pessoas articuladas e engajadas na luta abolicionista e, portanto, simbolizando a afeição pelos ideais liberais pautados na busca da civilização e do progresso. Essa representação humorística está em sintonia com a tônica da obra de Agostini: a construção de representações simbólicas contrastantes, nas quais a república é associada à positividade, avanço, progresso e modernidade, ao passo que a monarquia está relacionada à negatividade, ao atraso e às tradições que, segundo o autor, seriam as responsáveis pela manutenção das mazelas da sociedade brasileira, como a escravidão, a corrupção, etc.

Como toda representação, a charge é uma construção realizada no campo da linguagem. Concebê-la dessa forma requer um esforço crítico de situá-la no contexto histórico em que foi produzida. Além disso, é necessário entender os pensamentos, a formação e as ideologias professadas pelo artista, que, nesse caso, mostra-se profundamente engajado nos movimentos republicano e abolicionista. Dessa forma, não é surpreendente constatar seu esforço de dessacralização, através do humor, dos símbolos e rituais associados à monarquia e, é claro, ao imperador. É através dos usos de símbolos e representações que dialogam com o imaginário social que os regimes políticos foram e são construídos ao longo da história.

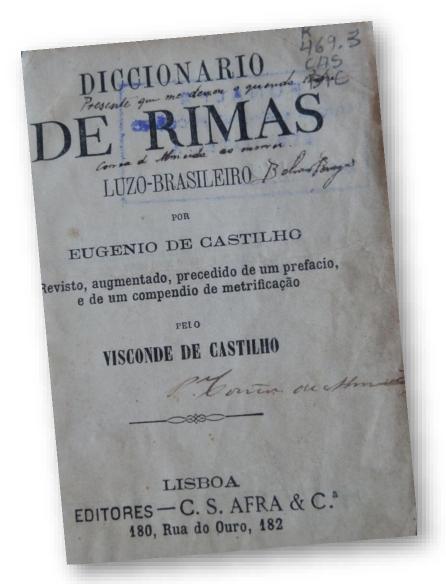
## Referências

ALONSO, Ângela. *Ideias em movimento:* a geração 1870 na crise do Brasil-Império. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

MELLO, Maria Tereza Chaves de. *A República Consentida.* Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

ENGEL, Magali G.; SOUZA, Flávia F. de.; GUERELLUS, Natália de S. Os intelectuais e a imprensa. 1. ed. Rio de Janeiro: Mauad; Faperj, 2015.

SALIBA, Elias Thomé. *Raízes dos Riso:* a representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.



## Dicionário de Rimas Luso-Brasileiro, de Eugênio de Castilho

De autoria de Eugenio de Castilho e editado em Lisboa, pela *C. S. Afra & Cia. Editores*, este exemplar do *Dicionário de Rimas Luso-Brasileiro* é uma publicação portuguesa do século 19.

Dotada de pequenas dimensões (14 x 10 x 2,5 cm), a referida publicação circulou amplamente entre diversos escritores brasileiros. O autor, Eugênio de Castilho, nasceu em Lisboa em 1846 e faleceu em 1900. Atuou como escritor, poeta e amanuense da Biblioteca Pública de Lisboa. Seu pai era o português Antonio Feliciano de Castilho (1800-1875), o Visconde de Castilho, famoso latinista, poeta, prosador e escritor romântico que exerceu o cargo de Comissário Geral de Instrução Primária em Portugal, desenvolvendo o controvertido "método Castilho de leitura". No *Dicionário de Rimas Luso-Brasileiro*, publicado por seu filho, ficou incumbido de elaborar o prefácio da obra.

Atualmente integrando a Biblioteca do Museu Mariano Procópio, o referido dicionário chama atenção pela assinatura a caneta contida em sua folha de rosto, sugerindo seu pertencimento a Correia de Almeida, um famoso padre-poeta satírico de Barbacena (MG), que, vivendo entre 1820 e 1905, deixou vasta produção literária em livros e na imprensa. Seus escritos alcançaram tanto os públicos leitores do

Brasil quanto os de Portugal, onde, segundo Maria Marta Araújo (2007), teve suas obras apresentadas pelo próprio Visconde de Castilho, o pai do autor e prefaciador do dicionário. Outro registro a caneta, também encontrado na folha de rosto, informa que, posteriormente, o exemplar passou às mãos do poeta Belmiro Braga (1870-1937), que redigiu a seguinte mensagem de próprio punho: "Presente que me deixou o querido Padre Correia de Almeida ao morrer".

Apesar de pertencerem a faixas etárias muito distintas, Belmiro e Padre Correia estabeleceram próximas relações e dialogavam, em alguma medida, com tradições literárias em comum. O primeiro contato de ambos data do final do século 19, quando Belmiro atuava como comerciante em um armazém na estação ferroviária de Cotegipe (MG), distrito de Juiz de Fora (MG). Além de trocarem livros e correspondências, Belmiro comentava na imprensa sobre a produção do amigo, como demonstra o texto que publicou no *Jornal do Comércio* de Juiz de Fora, em 29 de novembro de 1903.

As redes de interlocução e sociabilidades dos escritores contribuíam para a ampliação de seus acervos bibliográficos, além das compras realizadas nas principais livrarias da capital do país, onde se mantinham antenados às novidades que chegavam ao ainda incipiente mercado editorial brasileiro. Foi assim que Belmiro Braga constituiu uma significativa biblioteca em sua casa, em Juiz de Fora,

no início do século 20. Em 1916, porém, devido à sua mudança de residência para o Rio de Janeiro, precisou vender parte desse acervo à *Livraria Sampaio*, de Juiz de Fora. Segundo *O Pharol*, de 13 de abril de 1916, o acervo vendido contava com mais de mil exemplares.

Diante do fato, faz-se necessário indagar: teria sido o dicionário de rimas também colocado à venda, juntamente com essas centenas de obras? É plausível supor que não. Devido ao seu valor afetivo, o exemplar parecia ocupar um lugar especial no acervo particular do poeta, integrando o conjunto de livros que o acompanhariam ainda por muitos anos. Não se sabe ainda "como", mas o fato é que a "pequenina" publicação chegou às mãos de Arthur Tavares Machado, então funcionário do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, tendo-a doado ao Museu Mariano Procópio no início da década de 1970, juntamente com outros objetos e publicações do amigo do padrepoeta. O referido acervo integrou, em 1972, a exposição *Centenário de Belmiro Braga*, organizada pela então diretora da instituição, Geralda Armond.

## Referências

ARAÚJO, Maria Marta. *Com quantos tolos se faz uma República?* Padre Correia de Almeida e sua sátira ao Brasil oitocentista. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

GOMES, Ângela de Castro (org.). *Escrita de si, escrita da História.* Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

MORIN, Violette. *L'objet biographique*. In: Communications, 13, 1969. p. 131-139. Disponível em: <a href="http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/comm\_0588-8018\_1969\_num\_13\_1\_1189">http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/comm\_0588-8018\_1969\_num\_13\_1\_1189</a>.

PINHEIRO, Priscila da Costa; VICENTE, Sérgio Augusto. *O livro no contexto museal:* peculiaridades e potencialidades da Biblioteca do Museu Mariano Procópio. In: MELO, Elayne Luciana Leite de (org.). Encontro de Educadores do Museu Mariano Procópio. Juiz de Fora: Templo, 2015. p. 91-101.

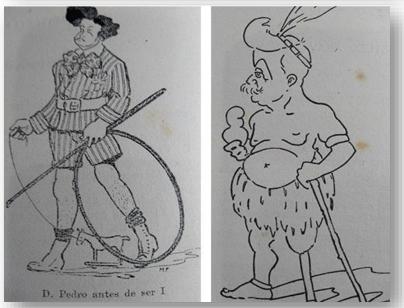
VICENTE, Sérgio Augusto. *De Poeta para Poeta:* Padre Correia de Almeida, Belmiro Braga e um "velho" dicionário de rimas. Revista Trama: arte, cultura e criatividade, Juiz de Fora, v. 113, 17 out. 2021.

VICENTE, Sérgio Augusto. Antônio Sales, Belmiro Braga e Pedro Nava: trajetórias que se cruzam. *Revista Trama:* arte, cultura e criatividade, Juiz de Fora, v. 104, 15 ago. 2021.

VICENTE, Sérgio Augusto. *Teatro, crítica social e modernidade na produção do escritor Belmiro Braga (1870-1937):* as peças de 'gênero ligeiro' na Primeira República. *Anais do XIX Encontro de História da Anpuh-Rio* – História do Futuro: ensino, pesquisa e divulgação científica. Rio de Janeiro: Anpuh-Rio, 2020.

VICENTE, Sérgio Augusto. *Entre o interior e capital:* a trajetória biográfica do literato mineiro Belmiro Braga (1872-1937). *Anais do VIII Encontro de Pesquisa em História*. Belo Horizonte: UFMG, 2019.





## Livro História do Brasil pelo Método Confuso, de Mendes Fradique

De autoria de Mendes Fradique (pseudônimo de José Madeira de Freitas, 1893-1944), o exemplar *História do Brasil pelo Método Confuso* integra a coleção bibliográfica de Alfredo Ferreira Lage (1865-1944), fundador do Museu Mariano Procópio.

Trata-se da quarta edição da obra, realizada no Rio de Janeiro, em 1922, pela Livraria Leite Ribeiro. Antes de se tornar livro, porém, essa produção já havia alcançado grande sucesso na revista carioca *D. Quixot*e, fundada em 1917 pelo humorista Bastos Tigre. Publicada primeiramente em folhetim, a obra de humor apresenta ao público uma paródia da história oficial brasileira, dessacralizando os manuais de história do Brasil e as narrativas cívico-nacionais, difundidas por escritores como Rocha Pombo, Afonso Celso, dentre outros.

No livro, D. João VI é chamado "D. João Cesto", fazendo alusão à sua fama de "comilão" e "glutão". D. Pedro I é representado como um menino de calça curta. E Pedro Álvares Cabral passeia de automóvel pelas ruas brasileiras. A obra, portanto, apresenta uma série de deslocamentos temporais e espaciais, bem como diálogos com os hábitos banais do cotidiano, para produzir efeitos de humor através dos personagens "célebres" da história.

Considerando que o auge de circulação dessa obra ocorreu no início do século XX, vale destacar que muitas das sátiras nela veiculadas estavam na contramão das representações nacionais construídas por ocasião dos eventos oficiais de celebração do Centenário da Independência do Brasil, em 1922. A exemplo de diversos periódicos humorísticos em circulação nessa época, o tom do discurso era de crítica ao "Brasil imaginário", que, para se sobrepor ao "Brasil real", apresentava um "simulacro" de modernidade e cosmopolitismo. Uma imagem baseada no lema positivista da bandeira nacional ("Ordem e Progresso") e nos preceitos civilizatórios europeizantes, mas que não se sustentava diante dos contrastes sociais, das desigualdades e das mazelas políticas que nos assolavam.

José Madeira de Freitas, nascido em 1893 e falecido em 1944, era natural do Espírito Santo. O escritor chegou ao Rio de Janeiro para cursar medicina em 1910, profissão que exerceu ao lado de suas facetas artísticas. Estabelecido em terras cariocas, residiu em pensão na Lapa. Foi apresentado às rodas literárias pelo famoso humorista Emílio de Meneses, na Confeitaria Colombo, hoje considerado um dos maiores pontos de atração turística do Rio de Janeiro. Com forte inclinação para o desenho, vivenciou o "período de ouro dos caricaturistas", chegando a desenhar diversas caricaturas para periódicos da capital.

O pseudônimo Mendes Fradique, que é uma inversão do nome de um dos mais conhecidos personagens de Eça de Queirós, o Fradique Mendes, alçou Freitas ao status de celebridade nas revistas humorísticas, tendo com ele assinado diversos textos.

Não obstante a irreverência e o humor de sua produção, muitos especialistas consideram seu perfil intelectual conservador. Suas sátiras se voltam contra diversos aspectos da modernidade e manifestações culturais, como o maxixe e os movimentos de vanguarda artística, como o cubismo e o expressionismo, por exemplo, considerados por ele expressões da "degeneração humana".

É atribuída a Freitas a autoria da frase "país da piada pronta", imortalizada no imaginário brasileiro, para se referir à tênue relação entre realidade e humor em nossa sociedade. Para argumentar a respeito, utilizou vários exemplos, como o pitoresco caso envolvendo a construção de uma grande avenida no Rio de Janeiro, na qual o único prédio que ruiu por erro técnico foi o do Clube de Engenharia. No final da década de 1920, Freitas simpatiza-se com as ideias integralistas, tornando-se um ativista desse movimento conservador de extrema-direita, que arregimentou enorme contingente de brasileiros ao longo da década de 1930. Na medida em que se arraigava a essa ideologia, o pseudônimo Mendes Fradique foi sendo gradualmente deixado de lado, vindo a prevalecer seu nome de batismo, José Madeira de Freitas.

## Referências

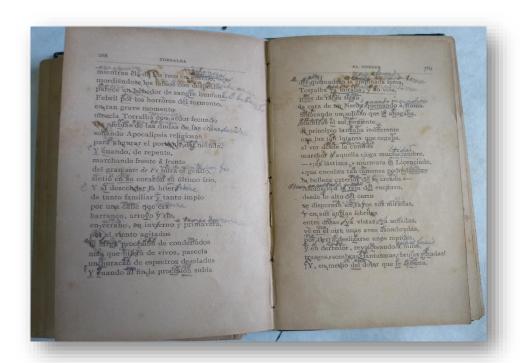
CARNEIRO, Cleverson Ribas. *Mendes Fradique e seu método confuso:* sátira, boemia e reformismo conservador. Tese de doutorado em Estudos Literários, Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Paraná, 2008. Disponível em:

https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/13871/Cleverson1-def.pdf?sequence=1&isAllowed=y

LUSTOSA, Isabel. *Brasil pelo método confuso:* humor e boemia em Mendes Fradique. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993.

VICENTE, Sérgio Augusto. História do Brasil pelo Método Confuso, de Mendes Fradique. *Revista Trama:* arte, cultura e criatividade, Juiz de Fora, v. 107, 05 set. 2021.

VICENTE, Sérgio Augusto. A 'desilusão republicana' nas trajetórias intelectuais de Belmiro Braga e José Madeira de Freitas: refletindo sobre a adesão ao integralismo no início da década de 1930. *Anais do IX Encontro de Pesquisa em História* - Alcances da História: compreender e transformar. Belo Horizonte: UFMG, 2021. p. 300-310.



## El Licenciado Torralba (1888), o livro que o imperador traduziu

O livro *El Licenciado Torralba*, do escritor espanhol Ramón Campoamor (1817-1901), publicado em Madrid, em 1888, pela *Librería de Fernando Fé*, integra a seção de obras especiais da Biblioteca do Museu Mariano Procópio.

A referida obra alcançou significativo sucesso no final do século XIX e início do XX, fazendo-se presente em diversas bibliotecas, podendo ser acessada, atualmente, no site da Biblioteca Nacional da Espanha. Entretanto, optamos por lançar nosso foco sobre o exemplar pertencente à Biblioteca do Museu Mariano Procópio, tendo em vista as marcas de proveniência que o individualizam e contribuem para conectar as trajetórias de vida de vários personagens históricos.

A obra apresenta pequenas dimensões, encontra-se encadernada em capa dura e desfalcada em algumas dezenas de folhas. Possui, no verso da capa, uma minúscula etiqueta com o número de arrolamento do Museu Mariano Procópio, que comprova seu pertencimento à coleção do fundador da instituição, Alfredo Ferreira Lage. Possui diversas anotações ao longo das páginas. Na primeira folha, um registro a caneta, datado 3 de novembro 1917 e assinado por Eduardo de Menezes, informa que as anotações a lápis, por entre as linhas do texto, são traduções feitas, do espanhol para o português, pelo imperador brasileiro, D. Pedro II, a bordo do navio Alagoas. Na

ocasião, o imperador realizada sua viagem de exílio para a Europa, após o golpe civil-militar que o derrubou do poder em 15 de novembro de 1889.

Concluída a tradução, o monarca doou o livro ao Conde de Motta Maia, médico de sua confiança, que o acompanhou durante toda a viagem. Tempos depois, o exemplar chegou às mãos de Eduardo de Menezes, que se incumbiu de conservá-lo para a posteridade. Não é difícil entender o porquê de esse exemplar de *El licenciado Torralba* ter chegado às mãos de Eduardo de Menezes. Nascido em Niterói (RJ) em 1857 e formado médico pela Escola de Medicina do Rio de Janeiro na década de 1880, Menezes realizou cursos no exterior, esteve em exercício na Casa Imperial, foi professor adjunto da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e casou-se com a sobrinha de Motta Maia, Maria do Carmo de Menezes.

Campoamor não foi o único, mas um dos autores que fizeram parte do repertório de traduções do imperador. Conhecido como "mecenas das artes, das letras e da ciência", o segundo imperador do Brasil dedicouse desde cedo à leitura e ao estudo dos idiomas, como grego, latim, inglês, francês, italiano, provençal, alemão, hebraico, sânscrito, além do tupi-guarani. Como parte de sua rotina diária, chegou a traduzir diversas obras clássicas.

Em seus diários, verifica-se que, até mesmo no decorrer da viagem para o exílio, o monarca destronado, já idoso, não abriu mão de manter sua rotina de leituras e traduções. Por questões de saúde, no entanto, já sentia o progressivo comprometimento de sua autonomia na dedicação às letras. Em diversos momentos, pedia a familiares e amigos, inclusive o Conde de Motta Maia que lhe fizessem leituras em voz alta e o auxiliassem nas transcrições.

Os temas filosóficos contemplados por *El Licenciado Torralba* parecem familiares ao interesse do imperador, que, na infância, acostumara-se a repetir inúmeras vezes, em seus exercícios de caligrafia, a máxima aristotélica "A felicidade é um hábito". Leitor assíduo dos filósofos, parece relevante supor que seu repertório intelectual erudito estivesse permeado de complexos dilemas, como os antigos dualismos entre matéria e espírito, corpo e alma, homem e mulher, céu e inferno, virtude e vício, moral e hipocrisia, etc.

Vale ressaltar que, em 1921, Alfredo Lage se destacava em Juiz de Fora com a inauguração oficial do museu batizado com o nome do pai falecido, Mariano Procópio. Oriundo de abastada família do Império, com intensas relações com a família imperial, o herdeiro manteve os vínculos com os imperiais durante a Primeira República e arrogava para si o papel de guardião da memória da monarquia brasileira em tempos de transição para o regime republicano. Nesse sentido, amealhou diversos objetos relacionados à monarquia, sendo alguns deles doados por pessoas ligadas à sua rede de sociabilidade, a exemplo do exemplar aqui apresentado, doado por Eduardo de

Menezes Filho à Biblioteca do Museu Mariano Procópio, em 1941, cinco anos após a doação do Museu à municipalidade.

Portanto, a aquisição dessa obra se mostra coerente com o colecionismo do fundador e suas redes de sociabilidade, sendo importante pensá-la nos termos de uma prática colecionista historicamente atrelada ao esforço de perpetuação da memória monárquica brasileira.

## Referências

DAROS, Romeu Porto. Dom Pedro II: o imperador tradutor. *Scientia Traductionis*, n. 11, 2012. Disponível em: <a href="http://dx.doi.org/10.5007/1980-4237.2012n11p227">http://dx.doi.org/10.5007/1980-4237.2012n11p227</a>.

MUSEU IMPERIAL DE PETRÓPOLIS. Diários pessoais do Imperador D. Pedro II.

PINHEIRO, Priscila da Costa; VICENTE, Sérgio Augusto Vicente. Aprendiz de Imperador. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, ano 10, n. 110, novembro de 2014, p. 68-71.

ROMANELLI, Sérgio. O Imperador do Brasil e suas traduções: uma nova leitura (ou a primeira?). *Caderno de Letras*, n. 23, jul. 2013-jan. 2014.

RUIZ, Ricardo Navas. *Campoamor y la ironía romântica:* reflexiones sobre *El licenciado Torralba.* Disponível em:http://www.cervantesvirtual.com/obravisor/campoamor-y-la-ironia-romantica-reflexiones-sobre-el licenciadotorralba/html/ee04c491-2e03-4e03-9114-11142ff78886\_2.html#I\_0. Acesso em 19/03/2021.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As barbas do Imperador:* D. Pedro II, um monarca nos trópicos. São Paulo: Cia. Das Letras, 1998.

VICENTE, Sérgio Augusto. O livro que o imperador traduziu. *Revista Trama:* Arte, Cultura e Criatividade, Juiz de Fora, v. 90, 09 mai. 2021.

VICENTE, Sérgio Augusto. O livro que o imperador corrigiu. *Revista Trama:* arte, cultura e criatividade, Juiz de Fora, v. 59, 24 ago. 2020.

## They outer comprando Or proparos do nom caramento Con proparos do nom caramento Comando ni pelo azul cofirmamento Comando pe No bin um rams prå fager senambe. Sori as passaristes, E elle, ene men somiso comprehendent, Como a injerne - Salue, companhiso, The sures Tambion of pinha Ten fazoros ! Rio, 5 Horto, 903 alles

## Poema Dois Noivos, de Antônio Salles

Dois noivos

Hoje, estava comprando
Os preparos do nosso casamento
Quando vi pelo azul do firmamento
Passar ligeiro pássaro levando
No bico um ramo para fazer seu ninho.

Sorri ao passarinho, E ele, esse meu sorriso compreendendo, Mandou um gorjeio prazenteiro, Como a dizer-me – salve, companheiro, Que andas também o ninho teu fazendo!

Datado de 5 de agosto de 1900 e escrito a mão por Antônio Sales, esse poema integra uma série de versos autógrafos, de diferentes escritores, pertencente à coleção do casal Visconde e Viscondessa de Cavalcanti, localizada no Arquivo Histórico da Fundação Museu Mariano Procópio. São versos assinados por Machado de Assis, José Veríssimo, Arthur Azevedo, Afonso Celso, João Ribeiro, Lúcio de Mendonça, Carlos Magalhães Azeredo, Barão de Paranapiacaba, Domício da Gama, Ângelo de Amaral, M. Gonçalves da Rocha e Juan Valera.

A escolha do poema de Antônio Sales para esse texto se deve, essencialmente, a dois motivos: o fato de o escritor ser, hoje, pouco

conhecido; e o seu relevante papel na carreira literária de dois destacados escritores oriundos do município de Juiz de Fora: Belmiro Braga (1872-1937) e Pedro Nava (1903-1984).

Nascido no Ceará em 1868, Sales mudou-se com a esposa, Alice Nava, para o Rio de Janeiro, em 1896. Sua chegada à capital da jovem república não se deu no anonimato, uma vez que o escritor já era bastante conhecido na imprensa da região Sudeste, por conta do ousado projeto da academia literária que ajudou a fundar em seu estado natal em 1892, a *Padaria Espiritual*, cuja proposta consistia na valorização e na busca de uma literatura que fosse reconhecidamente brasileira e capaz de expressar a realidade e as múltiplas facetas do amplo universo cultural do país.

Em janeiro de 1900 – ou seja, alguns meses antes de assinar esse poema –, Sales deslocara-se do Rio de Janeiro para uma fazenda do interior mineiro, a fim de recuperar-se de um problema de saúde. Era a *Fazenda do Bom Jesus*, pertencente ao casal Joaquim Nogueira Jaguaribe e Maria Luísa (viúva de Henrique Halfeld). Hospedado nas imediações da estação da Estrada de Ferro Central do Brasil, em Cotegipe (então distrito de Juiz de Fora), o cearense, nessa ocasião, conhece o poeta Belmiro Braga, que trabalhava em um armazém próximo à referida estação. A partir desse contato, Sales, inserido numa densa rede de sociabilidade na capital federal e colaborando

com diversos periódicos, torna-se um dos propagadores da produção literária belmiriana para além dos limites do regional.

Em 1902, o cunhado de Sales, José Nava, também seu confrade nos tempos da *Padaria Espiritual* no Ceará, casa-se com uma das filhas dos proprietários da fazenda em que ficara hospedado em Cotegipe. Dessa união nasceu, em 1903, Pedro Nava, o futuro médico e memorialista. Falecendo em 1911, José Nava deixa Pedro Nava órfão de pai, fato que o aproxima ainda mais dos tios cearenses, com os quais chegou a morar no Rio de Janeiro em 1916, para dar continuidade à sua formação escolar.

Tanto nos registros memorialísticos de Belmiro Braga quanto nos de Pedro Nava, Antônio Sales se faz muito presente. As pesquisas, de fato, demonstram que o cearense exerceu importante papel nas carreiras literárias de ambos os escritores, seja através de influências direta e indiretamente exercidas em suas formações intelectuais, como também na ampliação de suas redes de sociabilidade literárias no Rio de Janeiro, então considerado verdadeiro polo irradiador de culturas provenientes de diferentes regiões do país.

Antônio Sales deixou uma produção literária predominantemente em versos, muitos dos quais não exclusivamente marcados pelo lirismo presente no poema acima citado. O escritor também ficou muito conhecido pelas críticas mordazes que fazia aos problemas políticos e

sociais que assolavam o país, sendo, inclusive, perseguido por uma das oligarquias dominantes em sua terra natal. Além das crônicas e dos textos críticos publicados em diferentes periódicos, deixou também um romance regionalista, intitulado *Aves de Arribação*, publicado em folhetim, em 1903, e, posteriormente, em livro, por diversas editoras. Curiosamente, um dos personagens desse livro, o poderoso e rico aristocrata Florêncio, recebeu o sobrenome "Cavalcanti de Albuquerque", suposta referência à família do Visconde de Cavalcanti, no Nordeste.

### Referências

GABRIEL, Maria Alice Ribeiro. Orlas da Memória: a lembrança futura de Antônio Salles na obra de Pedro Nava. *ALEA – Estudos Neolatinos*, v. 19, n. 2, mai.- ago. 2017.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão:* tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

VICENTE, Sérgio Augusto. Antônio Sales, Belmiro Braga e Pedro Nava: trajetórias que se cruzam. *Revista Trama:* arte, cultura e criatividade, Juiz de Fora, v. 104, 15 ago. 2021.

VICENTE, Sérgio Augusto. Teatro, crítica social e modernidade na produção do escritor Belmiro Braga (1870-1937): as peças de 'gênero ligeiro' na Primeira República. Anais do XIX Encontro de História da Anpuh-Rio - História do Futuro: ensino, pesquisa e divulgação científica. Rio de Janeiro: Anpuh-Rio, 2020.

VICENTE, Sérgio Augusto. *Entre o interior e capital:* a trajetória biográfica do literato mineiro Belmiro Braga (1872-1937). *Anais do VIII Encontro de Pesquisa em História*. Belo Horizonte: UFMG, 2019.

VICENTE, Sérgio Augusto. *Biografia como problema, humor levado a sério:* Belmiro Braga, um trovador popular na *Belle Époque* tropical. *Anais da XIV Semana de História Política - Res Publica:* caminhos e descaminhos da cidadania brasileira. Rio de Janeiro: UERJ, 2019.



## Representações de Alberto Santos Dumont (1873-1932)

Nas fotografias ao lado, observam-se diversos itens relacionados ao inventor e aviador Alberto Santos Dumont (1873-1932). A comemoração de seu aniversário natalício, em 20 de julho, motivou a escolha desses objetos.

Destaca-se nesse conjunto parte da coleção de cartões-postais que retratam o aviador e suas principais invenções, além de um registro fotográfico de seu encontro com a Princesa Isabel e o Conde d'Eu, na França. Para dialogar com o tema, observam-se, ainda, dois calendários com caricaturas de Alberto Santos Dumont, um *souvenir* em madeira representando-o de perfil, e, por fim, o leque de assinaturas da Viscondessa de Cavalcanti, contendo desenho, dedicatória e assinatura do inventor. Todos os itens apresentados possivelmente pertenceram à Coleção dos Visconde e Viscondessa de Cavalcanti e foram doados ao Museu Mariano Procópio antes do falecimento de Alfredo Ferreira Lage, em 1944.

A trajetória de Alberto Santos Dumont é muito representativa da importância da ciência e das pesquisas para o desenvolvimento humano. Uma de suas mais conhecidas invenções, o *Demoiselle* (libélula, em francês), primeiro avião produzido em série, não possuía patente e seus projetos foram disponibilizados na Biblioteca de Paris. Com isso, diversos inventores e aeronautas tiveram acesso aos

projetos do brasileiro, reproduzindo ou aprimorando o seu invento. Através de suas invenções, pautadas pelo espírito científico característico desse período histórico, Alberto Santos Dumont trouxe relevante contribuição para a história da ciência no século XX.

O Inventor e aeronauta brasileiro viveu na França, onde estudou física, mecânica e eletricidade. Dotado de intensa curiosidade científica, interessou-se também por aerostática. Reconhecido pela invenção do dirigível, do avião e do ultraleve, Santos Dumont projetou e construiu os primeiros balões dirigíveis autênticos, o que lhe garantiu a conquista do prêmio *Deutsch* em 1901, quando, em um voo, contornou a Torre Eiffel. Dumont também foi o primeiro a decolar em um avião de motor a gasolina, além de se dedicar a diversas outras criações que são utilizadas até hoje, como o relógio de pulso, o chuveiro de água quente e o motor portátil.

O pioneiro da aviação bateu o recorde mundial em 1906 com um voo de 220 m em 21 segundos, a bordo do *14-bis*. Em 1910, Santos Dumont era o único aeronauta do mundo com 4 brevês de piloto: balão livre, dirigíveis, biplano e monoplano, tornando-se, posteriormente, o patrono da Aeronáutica e da Força Aérea Brasileira.

## Referências

FERRAZ, Rosane C. Ferraz. A coleção de fotografias oitocentistas do Museu Mariano Procópio e as sociabilidades no Brasil oitocentista. Tese de doutorado. PPGHIS/UFJF. Juiz de Fora, 2016.

FUNDAÇÃO MUSEU MARIANO PROCÓPIO. *Doce França:* recortes da vida privada na coleção do Museu Mariano Procópio. Juiz de Fora: Mapro, 2010.

LEAL, Carlos. *Nadar:* o retratista de um século. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 2002.

PREFEITURA MUNICIPAL DE JUIZ DE FORA. Arrolamento dos bens artísticos, histórico e científicos do Museu Mariano Procópio. 1944.

## **MOBILIÁRIO**



## Cômoda de jacarandá

O móvel em destaque na foto ao lado foi adquirido, em 1929, por Alfredo Ferreira Lage, fundador do Museu Mariano Procópio, em leilão da Coleção de Bernardino Bastos Dias (negociante, colecionador, fotógrafo e um dos fundadores do *Photo Club Brasileiro*, em 1923). Trata-se de uma cômoda de jacarandá em estilo Dom José I, dotada de duas gavetas e quatro gavetões em ordem crescente, quatro pés de peanha (pequeno pedestal de base quadrada), entalhados e baixos. Os puxadores e espelhos das fechaduras das gavetas foram confeccionados em metal dourado. Nas pilastras laterais, observam-se volutas salientadas. Vale destacar, ainda, três pequenas "gavetas de segredo", assim chamadas por ficarem imperceptíveis quando fechadas, tornando mais segura a guarda de documentos e objetos de valor.

## Referências

CANTI, Tilde. *O móvel no Brasil:* origens, evolução e características. 2. ed. Rio de Janeiro: CGPM, 1985.

CANTI, Tilde. O móvel do século XIX no Brasil. Rio de Janeiro: CGPM, 1989.

FUNDAÇÃO RICARDO DO ESPÍRITO SANTO SILVA. O móvel pequeno do século XVIII. 1988.

SUANO, Marlene. Alfaias, apetrechos, tarecos, trecos: os móveis. In: MUSEU PAULISTA. *Como explorar um museu histórico.* São Paulo: USP, 1992. p. 15-18.

# OBJETO DE AUXÍLIO/ CONFORTO PESSOAL





## Leque mandarim

O leque mandarim, com estojo, era um modelo muito divulgado no século XIX, sendo também conhecido como "leque de mil faces" ou "leque de cabecinhas", haja vista que as figuras representadas possuem cabeças feitas de marfim ou porcelana e roupas com colagens de tecidos pintados sobre o papel.

A peça em destaque na foto ao lado pertenceu à Maria Carolina da Piedade Pereira Baía, a Marquesa de Abrantes (1826-1880). De origem chinesa, o referido leque compõe-se de 16 varetas, com laca e desenhos feitos em tons dourados, representando cenas do cotidiano nos dois lados, emolduradas com figuras e flores. A caixa que acompanha a peça, cumprindo a função de acondicioná-la, é revestida de laca por fora e forrada em seda e veludo por dentro, com desenhos de pássaro e flores.

## Referências

ARGON, Maria de Fátima Moraes. A trajetória de um leque: suas histórias e seus lugares. In: MUSEU IMPERIAL. *Anuário do Museu Imperial*. Petrópolis: Museu Imperial, 2020.

## **OBJETOS COMEMORATIVOS**





## Plaqueta de inauguração do Museu Mariano Procópio

Esta peça é uma plaqueta comemorativa da inauguração do Museu Mariano Procópio, encomendada pelo fundador da instituição, Alfredo Ferreira Lage (1865–1944), em 1921.

O anverso da peça traz a representação da figura da deusa grega Nice entre duas reservas, sobre as quais apoia suas mãos. De um lado, circundado de folhas de louro e carvalho, aparece Mariano Procópio Ferreira Lage, pai de Alfredo, e, de outro, com flores, Maria Amália Ferreira Lage, esposa de Mariano. No reverso, a peça apresenta a fachada lateral da *Villa* Ferreira Lage, com dizeres alusivos ao casal Ferreira Lage e à inauguração do Museu.

O gravador da plaqueta é Augusto Giorgio Girardet (1855-1955). O artista nasceu em Roma e começou seus estudos na arte de gravar medalhas com seu pai, Giorgio Antonio Girardet (1829-1892), que também era gravador. Estudou no Real Instituto de Artes de Roma e teve aula com o escultor Giulio Monteverde (1837-1917).

Em 1892, Girardet mudou-se com seu pai para o Brasil. Com a reforma do ensino na Escola Nacional de Belas Artes, encabeçada por Rodolpho Bernardelli (1852-1931), aceitou o convite para lecionar nesse estabelecimento, na cadeira de Gravador de Medalhas e Pedras Preciosas, onde permaneceu por 42 anos (1893-1934). De

1913 a 1922, trabalhou na Casa da Moeda.

O Museu Mariano Procópio possui outros trabalhos desse artista, como moedas do meio circulante e outras medalhas, inclusive a Série Presidencial do Marechal Deodoro a Washington Luís e os cunhos para a fabricação da plaqueta comemorativa.

## Referências

MUSEU MARIANO PROCÓPIO. Catálogo. São Paulo: Banco Safra, 2006.



## Taça "Comendador Mariano Procópio"

A Taça "Comendador Mariano Procópio", em destaque na foto ao lado, agraciou o time de futebol *Industrial Mineira F. C.*, que venceu o *Tupy F. C.* numa partida de futebol ocorrida no dia 24 de julho de 1921, um mês após a inauguração do Museu Mariano Procópio. Após a vitória, a *Industrial Mineira F. C.* doou a peça e outros itens ao Museu Mariano Procópio.

O time da *Industrial Mineira Football Club* foi fundado em 1919 e atuou até 1930. Disputou com vários clubes de Juiz de Fora - como Sport Club Renato Dias, Tupynambas e Sport Club -, com outros times mineiros - como o antigo Società Esportiva Palestra Italia (atual Cruzeiro), América F.C. e Mathiense –, e com equipes de outros S.C. estados Internacional Petropólis. como de Sua história está vinculada à primeira fábrica de tecidos de Juiz de Fora, fundada em 1883, com o nome de Industrial Mineira, também conhecida como Fábrica dos Ingleses e Fábrica de Tecidos Mariano Procópio, devido à sua localização nas antigas instalações das oficinas da União & Indústria.

Conhecido como *Tricordiano de Mariano*, o time utilizava as cores da bandeira da Inglaterra: azul, vermelho e branco. Em 1938, o acervo do referido clube foi doado ao Museu Mariano Procópio, sendo composto

por troféus de diversos formatos, como taça e escultura, além de fotografias, plaqueta comemorativa e vitrine com escudo do time.

## Referências

MUSEU MARIANO PROCÓPIO. Catálogo. São Paulo: Banco Safra, 2006.

## OBJETO DE COMUNICAÇÃO



## Câmera da empresa Carriço Film

Através dessa filmadora com tripé, da marca *Zeiss 1kon*, fabricada em Dresden, na Alemanha, a empresa *Carriço Film* (conhecida pelo slogan "Tudo vê, tudo sabe, tudo informa") produziu parte do vasto acervo de imagens que registram os mais diversos eventos de caráter político, econômico, cultural, social, esportivo e religioso ocorridos em Juiz de Fora (MG), nas primeiras décadas do século XX. João Gonçalves Carriço (1886-1959), fundador da referida empresa cinematográfica, era cineasta, fotógrafo, pintor e exibidor de filmes. Destacam-se na sua produção: os cinejornais e o registro fotográfico em *still* (fotógrafos de cena).

Considerado um dos pioneiros do cinema mineiro e brasileiro, o proprietário da câmera era filho do imigrante português Manoel Gonçalves Carriço, que possuía uma empresa de carruagens e de serviços funerários na cidade. Seus cinejornais, de curta duração, eram exibidos no *Cine Teatro Popular*, denominado "o amigo do povo", entre 1927 e 1966. De propriedade de João Carriço, o cinema, assim como sua produtora, ficava localizado na atual Avenida Getúlio Vargas e exibia filmes a preços acessíveis para um público bastante amplo, sobretudo as camadas populares.

No relatório institucional do Museu Mariano Procópio, datado de 1966, consta que a viúva de João Carriço e sua família foram os

responsáveis pela doação dessa filmadora. O objeto é descrito no documento como "primitiva máquina de filmar da extinta *Carriço-Film*, de propriedade do Sr. João Carriço, pioneiro do cinema em Juiz de Fora e em Minas Gerais". Junto com a câmera, também foi doado um retrato do antigo proprietário, feito a *crayon*, por seu filho, Manoel Carriço. Tais peças chegaram a ficar expostas na instituição, na "Sala Juiz de Fora".

## Referências

MEDEIROS, Adriano. *Cinejornalismo Brasileiro:* uma visão através das lentes da *Carriço Film.* Juiz de Fora: Funalfa, 2008.

FERRAZ, Rosane C.; VICENTE, Sérgio A.. Patrimônio Cinematográfico da *Carriço Film*: uma longa saga de perdas e recomeços. *Revista Trama:* arte, cultura e criatividade, Juiz de Fora, ano 3, v. 109, 19/07/2021. Disponível em: https://tramabodoque.com/2021/09/19/patrimonio-cinematografico-da-carrico-film-uma-longa-saga-de-perdas-e-recomecos/

FUNDAÇÃO MUSEU MARIANO PROCÓPIO – Departamento de Acervo Técnico e Ações Culturais – Arquivo Histórico. *Inventário da Coleção Carriço Film.* Juiz de Fora: Mapro, 2020.

SIRIMARCO, Martha. Carriço: o amigo do povo. Juiz de Fora: Funalfa, 2005.

VARGAS, Renata. A prática esportiva nas telas de João Carriço. *Revista Trama:* Arte, Cultura e Criatividade, Juiz de Fora, ano 3, n. 80, 28 fev. 2021. ISSN: 2764-0639. Disponível em:

https://tramabodoque.com/2021/02/28/a-pratica-esportiva-nas-telas-de-joao-carrico/. Acesso: 15/09/21.

## **AUTORES DOS TEXTOS**

## Eduardo de Paula Machado

Tela de Modest Urgel

Maguete do monumento ao Cristo Redentor do Rio de Janeiro

Concha camafeu

Cômoda de jacarandá

Leque de mandarim

Plaqueta de inauguração do Museu Mariano Procópio

Taça "Comendador Mariano Procópio"

## Priscila da Costa Pinheiro Boscato

Álbum de envelopes e cartões-postais da Primeira Guerra Mundial Os *ex libris* no acervo da Biblioteca do Museu Mariano Procópio Projeto de construção da "Galeria de Belas Artes do Museu Mariano Procópio"

Convite para as exéquias de d. Pedro II

Álbum de autógrafos de Alfredo Ferreira Lage

Álbum das Glórias, de Rafael Bordallo Pinheiro

Fábulas, de La Fontaine

Diplomas da Exposição Nacional de 1908

Correspondências de Eça de Queirós e Machado de Assis

Cartão de "Boas Festas", produzido por Guima

## **Rosane Carmanini Ferraz**

Álbum de vistas de Roma (Itália)

Fotografias colorizadas do Museu Mariano Procópio

Álbum de cartões-postais da Primeira Guerra Mundial (1914-1918)

Filme de Arthur Machado com cenas do Museu Mariano Procópio (décadas 30-40)

Crânios e chifres

Representações de Alberto Santos Dumont (1873-1932)

Câmera da empresa Carriço Film

## **Sérgio Augusto Vicente**

Os ex libris no acervo da Biblioteca do Museu Mariano Procópio

Charge da revista O Malho

Charge da Revista Ilustrada

Dicionário de rimas luso-brasileiro, de Eugênio de Castilho

Livro História do Brasil pelo método confuso, de Mendes Fradique

El licenciado Torralba (1888), o livro que o imperador traduziu

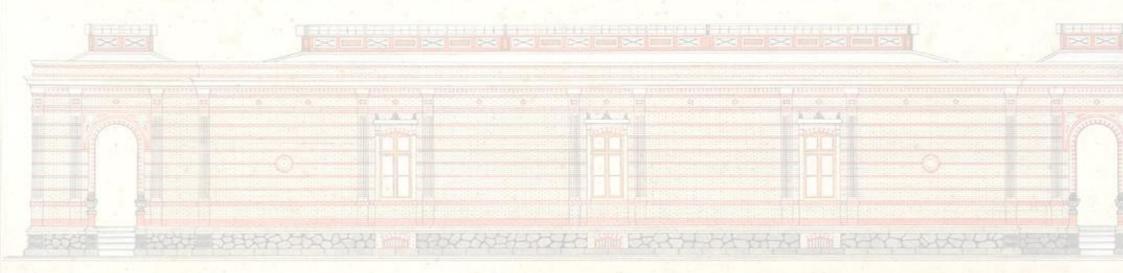
Poema Dois Noivos, de Antônio Salles

Crânios e chifres

Câmera da empresa Carriço Film

# Brojecto de construcção de um predio, pertencente ao ba 22 8m. Dr Alfredo Gereira Lage. a edefricar-se em Mariano Brocopio.

Appropriate Company



FACHADA

